



# Krishna - o salvador da Índia de F. V. Lorenz

## Sua contribuição à Biblioterapia

---

**CADERNOS DE  
EDUCAÇÃO EMOCIONAL**

ELISA GONSALVES POSSEBON  
FABRÍCIO POSSEBON

NÚCLEO DE EDUCAÇÃO EMOCIONAL  
CENTRO DE EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA

APOIO:

*Libellus*  
Editorial

**PROVE**<sup>®</sup>  
PROGRAMA DE VIVÊNCIA EMOCIONAL

**Krishna - o salvador da Índia**  
**de F. V. Lorenz**

Sua contribuição à Biblioterapia

Elisa Gonsalves Possebon  
Fabricio Possebon

**Krishna - o salvador da Índia**  
**de F. V. Lorenz**

Sua contribuição à Biblioterapia



João Pessoa, 2026

## **Conselho Editorial**

Dilaine Soares Sampaio (UFPB)

Elisa Gonsalves Possebon (UFPB)

Fabricio Possebon (UFPB)

Fátima Sousa Lima (UFOPA)

Fernando Pita (UERJ)

Francisco Pegado Abílio (UFPB)

Luiz Gonzaga Gonçalves (UFPB)

Telmo Adams (UNISINOS)

Ricardo Lucena (UFPB)

### **Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**

#### **Catalogação na fonte – Libellus Editorial**

Bibliotecária Responsável: Luzenira Alves dos Santos CRB9/1506

---

Ed24

Krishna - o salvador da Índia de F. V. Lorenz Sua contribuição à Biblioterapia / Elisa Gonsalves Possebon, Fabricio Possebon – João Pessoa: Libellus Editorial, 2026.

98 p.;

Bibliografia  
ISBN 978-65-5264-067-3

1. Educação I. Possebon, Elisa Gonsalves, II. Possebon, Fabricio, III. Título  
IV. Série

CDU 37

CDD 370

---

Índice para catálogo sistemático

1. Educação – 370

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem a permissão escrita da editora.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	05
O QUE É BIBLIOTERAPIA .....	07
KRISHNA. O SALVADOR DA ÍNDIA .....	17
VOCABULÁRIO DE TERMOS NOTÁVEIS .....	60
ÍNDICE DAS ILUSTRAÇÕES E SUAS FONTES .....	74
ANEXOS	
A ÍNDIA E A INICIAÇÃO BRAMÂNICA (FRAGMENTO) .....	76
A LENDA DE KRISHNA .....	79
CRONOLOGIA DO POETA FRANCISCO VALDOMIRO LORENZ .....	89
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	94
SOBRE OS AUTORES .....	95

## INTRODUÇÃO

Vários são os recursos que podem produzir emoções terapêuticas, seguindo o princípio geral que diz que uma emoção desregulada é tratada com uma emoção reguladora. Assim, por exemplo, um medo exacerbado é melhor regulado pela produção de um estado emocional de encorajamento. Falar sobre o medo não o regula.

Entre os inúmeros recursos disponíveis, privilegamos, em nossa proposta de Educação Emocional, os recursos sensoriais: sons, principalmente a música orgânica; aromas, em destaque os óleos essenciais; gestos, movimentos, toques e respiração, obtidos das práticas do yoga, biodança, bioenergética, massoterapia, etc.; cores e formas, como nos ensina a cromoterapia e a mandalaterapia; há possibilidades também de explorar sabores, como orientado pela nutrição. Não dispensamos o uso de substâncias terapêuticas, sobretudo aquelas oriundas das Práticas Integrativas e Complementares de saúde (PICs), reconhecidas pelo Ministério da Saúde, a saber, os florais, a fitoterapia, a homeopatia, etc.

A fala, o discurso, o texto, o diálogo, a conversa, a narrativa, o *lógos* são recursos menos usados, em nossa proposta, porque atuam principalmente no cérebro racional, segundo a compreensão da teoria do cérebro tripartido do neurocientista Paul MacLean (reptiliano: funções primitivas da vida; mesencéfalo: emocional e neocórtex: racional).

Por outro lado, sabemos que o texto, sobretudo o literário e o poético, é um recurso poderoso para produzir emoções terapêuticas. Se o leitor (ou ouvinte) se emociona com o que lê (ou ouve), então voltamos ao princípio geral da cura pela emoção terapêutica.

Evidentemente, o texto precisa ter a qualidade terapêutica necessária para produzir tal efeito, o que é conseguido pelos grandes autores da literatura universal. É necessário também, nesta proposta, que a pessoa a quem objetivamos a equilibração emocional tenha condições de SENTIR, VIVENCIAR o texto, em outros termos, tenha a capacidade de se emocionar lendo (ou ouvindo). Requer-se, portanto, que seja um leitor frequente, que tenha um domínio razoável da língua, em termos de vocabulário e compreensão gramatical, que goste de ler, enfim, que tenha fluidez na leitura. O leitor-ouvinte de que falamos não deve ser confundido com pessoa “diplomada”. Vale a pena conhecer, por exemplo, o cantor popular Patativa do Assaré que produzia uma enorme gama de emoções, usando a norma não culta do português, ou seja, a norma popular.

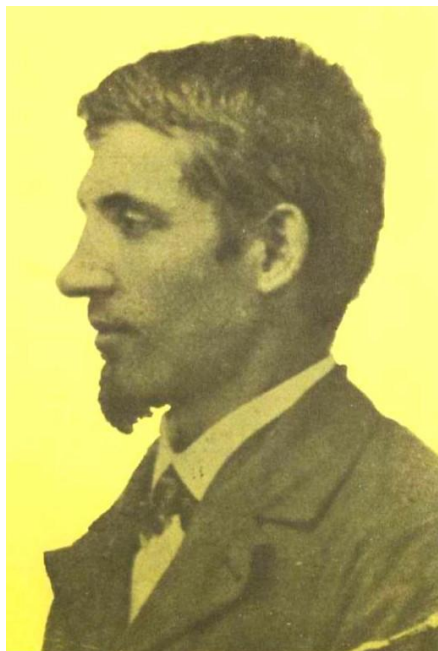
Em nossa proposta, na Educação Emocional, “Frases Mágicas”, “Noticiário do Bem”, “Eu sou lindo!” são exemplos de exercícios cuja potência está centrada nos recursos verbais, todavia,

sempre deve estar presente o componente emocional, ou seja, a “palavra sentida”, como a entendemos.

Biblioterapia, terapia por meio do livro, é uma abordagem centrada no poder da palavra sentida. Para todo tipo de distúrbio emocional, há alguma recomendação de leitura terapêutica (que pode ser substituída por um audiolivro).

O presente trabalho recupera um poema escrito e publicado na década de vinte, do século passado, pelo poeta Francisco Valdomiro Lorenz. Trata-se do poema “Krishna. O salvador da Índia. Poema épico espiritualista oriental”. O texto aqui apresentado foi por nós preparado a partir do manuscrito elaborado por Waldomiro Lorenz, filho do autor, em 1984, em Porto Alegre, e depositado na Biblioteca Municipal de Dom Feliciano, sob o registro n. 2917, localização 090 L869k. Sabemos de uma edição impressa de 1922, pela editora “O Pensamento”. Há um exemplar dessa edição, na Biblioteca Nacional, no Rio de Janeiro, com o título: “Krishna, o salvador da Índia: poema épico ocultista”, Tombo 152.299, Localização II-47,1,10, n.3. Não tivemos acesso a essa edição impressa, portanto desconhecemos se se trata exatamente do mesmo texto. Registramos nosso agradecimento a Luciana Novinski pela cópia do manuscrito.

O personagem principal do poema é Krishna que representa e simboliza o amor, a amizade, o companheirismo e outros sentimentos reconhecidos como nobres, nas relações humanas. Ele é o próprio deus-amor. Portanto, para a potencialização desses sentimentos, que é a proposta prática desse trabalho, espera-se a identificação do leitor com Krishna, segundo os princípios da biblioterapia, que iremos ver em seguida.



O poeta Francisco Valdomiro Lorenz

## O QUE É BIBLIOTERAPIA

A terapia literária ou biblioterapia é um saber antigo, pois se sabe, há muito, o valor terapêutico de determinadas obras escritas para o bem-estar de seus leitores. É todavia recente o uso sistemático desse saber, com método e investigação próprios, de tal forma a obter resultados que se classifiquem como científicos.

O Dicionário Online de Biblioteconomia e Ciência da Informação assim define a biblioterapia (<https://www.ala.org/tools/atoz/bibliotherapy>):

O uso de livros selecionados com base no conteúdo, em um programa de leitura planejado para facilitar a recuperação de pacientes que sofrem de doenças mentais ou distúrbios emocionais. Idealmente, o processo ocorre em três fases: identificação pessoal do leitor com um personagem específico da obra recomendada, resultando em catarse psicológica, que leva a uma compreensão racional sobre a relevância da solução sugerida no texto para a experiência do leitor. Recomenda-se o acompanhamento de um psicoterapeuta qualificado.

A mesma fonte consultada ajusta, em seguida, essa definição para qualquer material de leitura, não se limitando a livros. Outro ponto ajustado é o reconhecimento de que se trata de uma terapia adjuvante e complementar e que não é exclusiva para pacientes com doenças mentais, mas serve para qualquer pessoa que busque uma solução de problemas pessoais. Em outros termos, não é necessário um psiquiatra ou um psicólogo para que alguém encontre uma obra literária que lhe traga algum benefício terapêutico. Isto significa que a biblioterapia é também para perturbações mentais leves e para prevenção de adoecimentos emocionais. Diríamos até mais, ela é principalmente eficaz nesses casos! Eis os termos, no mesmo endereço eletrônico:

Em 1966, a Associação de Bibliotecas de Hospitais e Instituições (*Association of Hospital and Institution Libraries*), então uma divisão da Associação Americana de Bibliotecas (*American Library Association*), publicou uma declaração sobre nomenclatura, aceitando a seguinte definição: Biblioterapia - o uso de materiais de leitura selecionados como adjuvantes terapêuticos em medicina e psiquiatria; também como orientação na solução de problemas pessoais por meio da leitura dirigida (*AHIL Quarterly*, Verão de 1966, p. 18).

A ampla definição mais acima coloca o processo em pauta: identificação com dado personagem, catarse e compreensão racional (*rational insight*, no original). Não foi dado o

pressuposto da biblioterapia, que evidentemente deve abarcar pessoas que gostem de leitura literária, isto é, sejam leitores habituais, que tenham capacidade cognitiva para compreender as tramas, que muitas vezes são intrincadas, que tenham paciência para seguir o desenvolvimento das narrativas, que podem ser longas. Não é a qualquer pessoa, portanto, que se recomenda a biblioterapia, porque um componente mental desenvolvido é fortemente exigido.

Voltando ao processo, há que destacar o caráter experimental. Escolhida uma obra, o leitor deve obrigatoriamente se identificar com um personagem, cuja trama solucionada no texto deverá ter correlação com sua questão pessoal. Não funcionará se esse personagem não aparecer. Observemos que se pode ler muito de um livro até o entendimento de que, nesse texto escolhido, não existe o personagem que se procura, para identificação. É a paciência requerida da técnica.

O segundo elemento do processo é a catarse que, em Educação Emocional, chamamos de vivência. A vivência baseia-se no princípio de que a desregulação emocional só pode ser harmonizada pela intervenção de outra emoção, ou outras. Não se trata de controle de emoções mas de produzir uma emoção terapêutica. Por exemplo, se uma pessoa está tomada por uma raiva exacerbada, não adianta falar sobre a raiva para ela se acalmar, ou pedir calma, porque a raiva aumenta, em vez de diminuir, a solução é produzir uma emoção tranquilizadora. Potencializar a calma é o que ajuda a aliviar a raiva. A vivência é não reflexiva, é um gesto emocionado ou qualquer recurso sensorial capaz de harmonizar o indivíduo. Podemos citar alguns recursos capazes de produzir vivências:

- . fazer a prática do silêncio; ouvir sons da natureza (mar, cachoeira, etc.), instrumentos graves (tambor xamânico, *didjeridou*, gongo); praticar recitação de oração (terço, mantra com *japamala*).
- . fazer movimentos corporais como dança, caminhada, exercícios (tai-chi-chuan, ásanas, etc.).
- . ouvir música orgânica, cantar.
- . praticar respiração (ex. *pranayama*).
- . sentir aromas (dos óleos essenciais), incensos, sabores (como os chás, além de seus evidentes valores fitoterápicos).
- . contemplar a natureza, paisagem, imagens como mandalas, quadros, ilustrações.
- . receber massagem, abraço, toque carinhoso.
- . praticar meditação.

Não é portanto uma emoção qualquer que pode harmonizar a pessoa. A vivência é uma emoção terapêutica. Na lista acima, não citamos o uso da palavra, porque privilegiamos os recursos não verbais, mas é evidente que a palavra emocionada também produz vivência. O termo catarse diz respeito à experiência grega. No teatro antigo, os espectadores assistem a

tragédia: veem as cenas, compreendem a trama, ouvem os diálogos, identificam-se com os personagens, enfim, emocionam-se, ou seja, sofrem a catarse ou purificação, que era entendida como terapêutica. Igualmente terapêutica, com os recursos da palavra, pode ser a contação de histórias, o audiolivro, a recitação de poemas, o teatro, o cinema, a encenação, etc. Vale recordar ainda que o livro, na biblioterapia, contém mais do que as palavras para produzir vivências. O livro tem formato, tem peso e consistência, tem cheiro, pode ter ilustrações, etc. Tudo aqui pode ser somado ao valor literário propriamente dito, ou seja, são elementos que podem contribuir para o efeito desejado da catarse ou vivência.

O último elemento do processo é a compreensão racional, ou no original em inglês *rational insight*. Ocorrida a vivência, ou seja, a ação terapêutica desejada, a isso pode ser acrescentado o entendimento da cura ou do restabelecimento do equilíbrio emocional. Para pessoas pensadoras, como é o caso do público da biblioterapia, há sempre um forte desejo de compreensão das coisas, não se satisfazem com o resultado apenas, mas preferem dominar todo o processo.

Há dois conceitos importantes que precisam ficar absolutamente claros: emoção e sentimento. Reproduziremos as definições de outros trabalhos nossos já publicados.

**Emoção:** estado complexo do organismo caracterizado por uma excitação ou perturbação. Relaciona-se com um objeto específico. Possui duração breve no organismo, ocorre diante de uma situação ou acontecimento externo (situação) ou interno (evocação pelo pensamento). A emoção é uma reação intensa e relativamente breve que surge a partir de um estímulo, gerando movimentos expressivos e causando sensações corporais. A emoção depende de avaliações subjetivas, isto é, depende da forma como a pessoa percebe que o estímulo vai afetar o seu bem estar. Nesta avaliação, subjetiva e inconsciente, intervêm conhecimentos preexistentes, crenças, valores, objetivos pessoais, dentre outros, resultando na reação emocional. Isto significa que o estímulo só existe se tiver a função de significante para a pessoa. Exemplos: raiva, medo, alegria, vergonha, culpa, orgulho, altruísmo, etc.

**Sentimento:** o sentimento se origina de uma emoção. Ele é mais duradouro e estável que a emoção e contém um componente cognitivo. O sentimento envolve estados afetivos mais estruturados e complexos e apresenta uma menor implicação fisiológica. Implica interpretações, atribuições, inferências, razões, etc. Exemplos de sentimentos: amor, felicidade, serenidade, aborrecimento, submissão, otimismo, pessimismo, distração, apatia, desapontamento, interesse, maravilhamento, aprovação, desaprovção, aceitação, vigilância, admiração, desprezo, intimidação, tédio, menosprezo, mágoa (ressentimento), rancor, etc.

Postas essas definições, podemos observar que a biblioterapia mais se destina a cuidar de sentimentos desregulados do que de emoções, porque as emoções são rápidas e passageiras, são quase instintivas, enquanto os sentimentos são mais duradouros, e possuem um componente cognitivo, o que é próprio da técnica da biblioterapia.

Vamos concluir com a nossa definição de biblioterapia, ou seja, aquela que interessa ao presente estudo, inspirada nas definições acima:

Biblioterapia é o uso sistemático de materiais literários de leitura, selecionados como recursos terapêuticos complementares, orientados na solução de desequilíbrios dos sentimentos. Busca portanto harmonizar o universo de sentimentos da pessoa a ser cuidada, por meio da sua identificação com um dado personagem do texto literário, com a produção da vivência (ou seja, emocionar-se terapêuticamente com o personagem identificado) e, finalmente, pela compreensão de todo o processo.

O termo “literário” surge na definição e será mais abaixo explicado.

### **A biblioterapia pertence à arteterapia?**

A arteterapia está assim definida na Portaria n. 849, de 27 de março de 2017, do Ministério da Saúde:

É uma prática que utiliza a arte como base do processo terapêutico. Faz uso de diversas técnicas expressivas como pintura, desenho, sons, música, modelagem, colagem, mímica, tecelagem, expressão corporal, escultura, dentre outras. Pode ser realizada de forma individual ou em grupo. Baseia-se no princípio de que o processo criativo é terapêutico e fomentador da qualidade de vida. A Arteterapia estimula a expressão criativa, auxilia no desenvolvimento motor, no raciocínio e no relacionamento afetivo. Através da arte é promovida a ressignificação dos conflitos, promovendo a reorganização das próprias percepções, ampliando a percepção do indivíduo sobre si e do mundo. A arte é utilizada no cuidado à saúde com pessoas de todas as idades, por meio da arte, a reflexão é estimulada sobre possibilidades de lidar de forma mais harmônica com o stress e experiências traumáticas.

Entre as técnicas expressivas listadas na portaria, surge a expressão “dentre outras”. Se aqui colocarmos a “literatura”, que é sabidamente uma arte, então temos uma resposta afirmativa: sim, a biblioterapia faz parte da arteterapia.

Vejamos a definição da UBAAT - União Brasileira de Associações de Arteterapia:

É uma prática terapêutica com saber e metodologia própria, fundamentada nas artes e na psicologia. Realizada por profissional com Graduação, Especialização ou Formação em Arteterapia, conforme os parâmetros curriculares estabelecidos pela UBAAT e reconhecido por uma das Associações Estaduais de Arteterapia filiada à UBAAT. Utiliza sempre a expressão artística, criativa, por meio de recursos e materiais expressivos e sensoriais; visuais, sonoros, corporais, relacionais e espaciais. Propicia a imaginação e a vivência simbólica. Facilita a ressignificação de conflitos internos e externos (mentais, emocionais e relacionais). Reorganiza as percepções do indivíduo sobre si e o meio em que vive. Promove a saúde e a prevenção à doença. Possibilita a melhoria na qualidade de vida e o exercício para o autoconhecimento. Pode ser realizada de forma individual ou em grupo, para pessoas de todas as idades e em diferentes contextos, tais como: educacional, saúde, empresarial, sociocultural, no âmbito público, privado e comunitário. ([https://www.ubaat.com.br/assets/downloads/NOTA\\_TECNICA\\_UBAAT\\_2023.pdf](https://www.ubaat.com.br/assets/downloads/NOTA_TECNICA_UBAAT_2023.pdf))

Embora essa definição privilegie os recursos não verbais, não impede que se pense também em recursos verbais, desde que propiciem “a imaginação e a vivência simbólica”.

Se estiver correta a nossa interpretação, então podemos afirmar que a biblioterapia já se encontra oficializada como uma das Práticas Integrativas e Complementares em Saúde (PICs) que “são abordagens terapêuticas que têm como objetivo **prevenir** agravos à saúde, a promoção e recuperação da saúde, enfatizando a escuta acolhedora, a construção de laços terapêuticos e a conexão entre ser humano, meio ambiente e sociedade” (<https://www.gov.br/saude/pt-br/composicao/saps/pics>).

Desta forma, o arteterapeuta poderia exercer as funções de biblioterapeuta, desde que se capacite também na arte da literatura<sup>1</sup>. Não somente esse profissional, mas todo aquele cujo foco seja prevenção em saúde (acima negritamos o termo, na breve definição do Ministério), ou seja, educadores emocionais, professores, naturopatas, assistentes sociais, profissionais de saúde, etc. Se para esses profissionais falta o componente “literatura”, para os licenciados e bacharéis em Letras, falta o componente “terapia”, que deve ser sobretudo focado no universo das emoções, em suas formações. Entendemos, em síntese, que todos esses profissionais podem se capacitar como biblioterapeutas.

---

<sup>1</sup> Alguns setores da Biblioteconomia entendem que os bibliotecários deveriam exercer a função de biblioterapeutas. Para tanto, entendemos que, em sua formação, deveriam ser incluídos os componentes “terapia” e “literatura”. Nada encontramos a respeito desse debate, no site do Conselho Federal de Biblioteconomia (<https://cfb.org.br/>).

## Literatura e Poesia

Insistimos, em vários momentos, que a biblioterapia usa material literário. Vamos nos valer das reflexões sobre o tema do prof. Massaud Moises, em sua obra “A análise literária”. (<https://lemouseion.blogspot.com/2013/11/o-conceito-de-literatura-por-massaud.html>). Os destaques no texto são nossos.

As Artes empregam signos polivalentes, por isso cada pessoa **sente** de uma forma pessoal e intransferível os efeitos de uma sonata de Beethoven, uma tela de Van Gogh, um conto de Machado de Assis, uma construção de Oscar Niemeyer. Mas a polivalência dos signos das Artes é tão mutacional que os sentimentos dos receptores influenciam avidamente a percepção.

...

Assim, já podemos afirmar que a Literatura é um tipo de conhecimento que é expresso de modo polivalente. Essas palavras representam, de forma deformada, a realidade, porque é através do intermédio delas que encarnamos um conteúdo ideal que não pode expressar-se de outra maneira. Esse conteúdo ideal refere-se a pessoas, não a coisas: não é a "revelação" do real físico que lhe interessa, mas tudo que pertence à esfera do humano. O desprezo por copiar o real significa desviar-se dele, deformá-lo, mentir, "fingir" a realidade ou inventar uma nova mais autêntica. A ficção é um universo particular onde se reúnem as percepções distorcidas. Por isso, podemos dizer que **Literatura é ficção**. E se entendermos a ficção como um composto de imagens deformadas e transfundidas no mundo real, podemos dizer que ficção e imaginação se equivalem, e um termo pode ser perfeitamente trocado pelo outro.

...

Daí vem que a Literatura emprega termos polivalentes como expressão de conteúdos da imaginação ou da ficção. Em outras palavras, a imaginação é um tipo de conhecimento expresso por via oral e/ou escrita, de valor multívoco e individual: **A literatura é a expressão de conteúdos da ficção ou da imaginação por meio de palavras de sentido múltiplo e pessoal.**

...

Por fim, se partirmos da ideia que o homem é tanto mais adaptado à vida quanto mais experiências acumular, tiremos a conclusão de que não podemos ser tudo ao mesmo tempo, temos uma só vida, é impossível voltar atrás, etc., etc. Então, que resta ao homem? Resta-lhes **experienciar a vivência alheia**, inclusive aquela acumulada ao longo da evolução histórica da Humanidade. É exatamente por isso que se vai ao encontro de depósitos literários como museus, monumentos, livros, etc. Do contrário, era preciso que cada indivíduo começasse do zero. Ora, a **Literatura fornece um tipo único de experiência, porque trata com a imaginação, que produz formas de vida possíveis e fora da nossa esfera cotidiana**. Essa experiência colhida no contato com a imaginação enriquece nossa

maneira de ver os problemas cotidianos. E assim como a saúde psicológica tem de ser conservada no decorrer da própria vida, mediante a "alimentação" em nível de símbolos afetivos: pela Literatura, que nos conduz a novas fontes de fruição; pela Literatura, que nos faz sentir que não estamos sozinhos nessa miséria; pela Literatura, que expõe nossos problemas a uma nova luz; pela Literatura, que sugere novas possibilidades e abre novos campos de experiências.

Em síntese, a partir dessas contribuições do prof. Moises, podemos dizer que a literatura é uma expressão artística, ou seja, tem valor estético reconhecido por gerações de apreciadores, baseada no uso da palavra escrita. O conteúdo literário é ficcional, se afasta propositalmente da descrição da realidade, que é recriada com os elementos vivenciais do autor. De tal forma é construído o texto literário que o universo emocional do autor se transfere ao leitor, que, por sua vez, o recebe à sua maneira, com sua história de vida e suas próprias emoções. A imaginação literária ganha realidade para o leitor, desse modo. Como todas as artes, a literatura comove o apreciador, faz despertar nele emoções. A biblioterapia se interessa pelas obras literárias que despertam nos leitores emoções terapêuticas, não interessa, por exemplo, que ele fique com raiva, medo, tristeza, mas que ele se encoraje, se alegre, sintá-se esperançoso, amoroso, altruísta, etc.

Como estamos oferecendo, nesse trabalho, um texto poético como material literário para a proposta de biblioterapia, convém dizer algo do que seja poesia. A poesia possui qualidades que a distinguem do conto, da novela e do romance, esses normalmente escritos em prosa. São elas, segundo nossa fonte consultada (<https://www.domestika.org/it/blog/12210-che-cos-e-la-poesia-definizione-caratteristiche-e-tipologie>):

. Ritmo e Métrica: A poesia frequentemente utiliza ritmos e padrões distintos, seja por meio de métrica estruturada ou verso livre. Esses elementos rítmicos criam uma musicalidade e cadência que acompanham e realçam as palavras, evocando uma experiência sensorial para o leitor.

. Imagética e Simbolismo: Os poetas empregam imagens vívidas e linguagem simbólica para evocar percepções sensoriais e envolver a imaginação do leitor. Metáforas, símiles e outras figuras de linguagem ajudam a pintar imagens mentais vívidas, elevando a qualidade artística do poema.

. Recursos Sonoros: Os poetas exploram o poder do som por meio de técnicas como aliteração, assonância e onomatopeia. Esses recursos criam efeitos melódicos e enriquecem a experiência auditiva do poema.

. Concisão e Precisão: A poesia frequentemente se baseia na brevidade e concisão, selecionando cuidadosamente as palavras para transmitir um significado preciso. Essa economia de linguagem garante que cada palavra tenha significado, tornando cada frase poderosa e impactante.

### **O sentimento “amor”**

Defendemos, nesse trabalho, que a biblioterapia melhor se aplica à harmonização de sentimentos do que de emoções, porque as emoções são rápidas, intensas e passageiras, são essencialmente instintivas, enquanto os sentimentos são mais longos, duradouros e contêm um forte elemento cognitivo, repetindo o que dissemos. Nessa compreensão, o amor é um sentimento e não uma emoção. O exercício aqui proposto é buscar o bem-estar do sentimento amor, seu equilíbrio e harmonia, por meio da leitura do texto poético “Krishna. O salvador da Índia” do poeta Francisco Valdomiro Lorenz. O personagem Krishna é o próprio deus-amor, tendo uma existência plena em termos de amor, amizade, camaradagem e companheirismo. É com ele que deve o leitor, que busca auxílio na biblioterapia, se identificar, ou melhor, se emocionar terapêuticamente.

Para concluir esse estudo introdutório de biblioterapia, apresentamos duas possibilidades para compreender o que significa “amor”:

O amor é uma emoção complexa que envolve fortes sentimentos de afeição e ternura pelo objeto do amor, sensações prazerosas em sua presença, devoção ao seu bem-estar e sensibilidade às suas reações. Embora o amor assuma muitas formas, incluindo a preocupação com o próximo (amor fraternal), o amor parental, o amor erótico, o amor-próprio e a identificação com a totalidade do ser (amor a Deus), a teoria triangular do amor propõe três componentes essenciais: paixão, intimidade e compromisso. A pesquisa em psicologia social nessa área tem se concentrado principalmente no amor passionais, no qual o desejo e a excitação sexual predominam, e no amor companheiro, no qual a paixão é relativamente fraca e o compromisso é forte. (*American Psychological Association*, <https://dictionary.apa.org/love>)

Aristóteles, na *Retórica*, dedica algumas páginas ao tema *philia*, termo grego que significa amor, amizade e correlatos, não sendo possível, pela elasticidade de sentidos, determinar exatamente qual seja em cada passo o sentido exato. Damos o trecho, na tradução portuguesa de Manuel Alexandre Jr., Paulo Farmhouse Alberto e Abel do Nascimento Pena, com pequenos ajustes ao português do Brasil:

Falemos agora das pessoas que se amam e que se odeiam e por que razões. Mas antes definamos o que é a amizade e o que é amar. Admitamos que amar é querer para alguém aquilo que pensamos ser uma coisa boa, por causa desse alguém e não por causa de nós. Pôr isto em prática implica uma determinada capacidade da nossa parte. É amigo aquele que ama e é reciprocamente amado. Consideram-se amigos os que pensam estar mutuamente nestas disposições.

Colocadas estas hipóteses, é necessário que seja nosso amigo aquele que se regozija com as coisas boas e se entristece com as nossas amarguras, sem outra razão que não seja a pessoa amada. Todos nós nos alegamos quando acontece aquilo que desejamos, mas todos nos entristecemos com o contrário, de tal sorte que a dor e o prazer são sinais da vontade. Também são amigos aqueles que têm por boas e más as mesmas coisas, e por amigos e inimigos as mesmas pessoas. Daí resulta, forçosamente, querer para os amigos o que se deseja para si próprio; de modo que são amigos aqueles que, ao quererem para si o que querem para a pessoa amada, mostram com toda a evidência que são amigos dela. Amam-se os nossos benfeitores, tanto os que cuidam de pessoas que estão a nosso cargo, como os que nos prestam serviços, sejam estes importantes ou feitos com boa intenção, ou em ocasiões oportunas e tendo em vista o nosso interesse, ou os que eventualmente achamos que estariam dispostos a beneficiar-nos. E também os amigos dos nossos amigos, os que amam os que nós amamos e os que são amados pelas pessoas que nós amamos. Do mesmo modo, os que têm os mesmos inimigos que nós e odeiam os que nós odiamos, assim como aqueles que são odiados pelos mesmos que nós odiamos. Para todas estas pessoas parece haver as mesmas coisas boas que há para nós; por conseguinte, desejam para elas as mesmas coisas boas que para nós, o que, segundo a nossa definição, é próprio do amigo.

Amamos ainda os que estão dispostos a fazer-nos bem, quer em dinheiro, quer em segurança. É por isso que temos em grande estima os liberais, os corajosos e os justos. Por outro lado, supomos que são assim as pessoas que não vivem a expensas de outros, como, por exemplo, as que vivem do seu trabalho; e, entre estas, as que vivem do trabalho do campo e, sobretudo, as que trabalham por conta própria.

E os moderados, porque não são injustos, e os pacíficos, pela mesma razão; e aqueles de quem queremos ser amigos, se manifestarem os mesmos desejos que nós. Tais são os que pela sua virtude são bons e gozam de boa reputação, quer perante o mundo inteiro, quer entre os homens mais qualificados, quer ainda entre os que admiramos ou os que nos admiram.

E ainda os que são agradáveis no seu trato e convivência, como, por exemplo, os complacentes e os que não espreitam toda e qualquer ocasião para refutar os nossos erros e não são amigos de brigas, nem de discórdias (pois todos estes são aguerridos e os que nos combatem mostram claramente que querem o contrário de nós). Também os que têm habilidade para gracejar e para suportar gracejos: em ambos os casos, gera-se um espírito de camaradagem, que os torna capazes de admitir uma graça e de gracejar de bom gosto.

Também amamos os que elogiam as boas qualidades que possuímos, especialmente aquelas que temos receio de não possuir. E ainda os que têm um aspecto limpo, no vestuário e, em geral, na maneira de viver. E os que não repreendem, nem as nossas faltas, nem os favores que nos outorgaram, pois tanto uns como outros só servem para criticar. Também os que não são rancorosos, nem alimentam queixas,

mas, ao contrário, estão sempre dispostos a acalmar-se, pois supomos que essas pessoas terão para nós a mesma atitude que têm para os outros. E os que não são caluniadores, nem se metem na vida do vizinho, nem na nossa, mas apenas procuram saber as coisas boas, pois é assim que age o homem de bem. E os que não fazem frente aos irascíveis ou tomam as coisas demasiado a sério, porque esses são arruaceiros. E os que se interessam por nós, por exemplo, os que nos admiram, os que nos acham pessoas honestas, os que rejubilam com a nossa companhia e, acima de tudo, os que partilham esses sentimentos naqueles assuntos em que nós queremos ser particularmente admirados ou parecer honestos e agradáveis. Também os nossos semelhantes e os que se ocupam das mesmas coisas que nós, desde que não nos incomodem, nem tenham os mesmos meios de subsistência que nós, pois é daí que vem o provérbio

*oleiro contra oleiro.*

E os que desejam as mesmas coisas que nós, desde que seja possível partilhá-las conjuntamente, pois, caso contrário, acontece o mesmo que antes. Também amamos aqueles com quem temos uma tal relação de amizade que não temos vergonha de atos vergonhosos segundo a opinião comum, sem que todavia os desprezemos. Mas aqueles na presença dos quais temos vergonha, atos vergonhosos são de verdade. E aqueles com quem rivalizamos ou pelos quais queremos ser emulados, mas não invejados, a esses também os amamos ou queremos ser amigos deles.

E o mesmo acontece com aqueles a quem ajudamos a adquirir bens, desde que isso não nos traga males maiores. E aqueles que amam os amigos, ausentes e presentes. Por isso, todos os seres humanos amam as pessoas que procedem assim com os mortos. E, em geral, amamos os que são verdadeiramente amigos dos seus amigos e não os abandonam na adversidade. De entre as pessoas de bem, amamos, sobretudo, os que são bons amigos e os que não são fingidos conosco: tais são os que nos falam das suas próprias fraquezas, pois já dissemos que com os amigos não nos envergonhamos de atos que são vergonhosos segundo a opinião pública; portanto, se quem sente vergonha destes atos não ama, quem não sente vergonha parece-se com quem ama. Também amamos a quem não nos inspira medo e a quem nos inspira confiança, pois ninguém ama a quem se teme.

A camaradagem, a familiaridade, o parentesco e outras relações semelhantes são espécies de amizade. Um favor produz amizade, tal como o fazê-lo sem ser solicitado e sem ostentar que se fez, pois assim parece que se fez só por causa do favorecido e não por outro motivo qualquer.

# **Krishna. O salvador da Índia**

**Poema épico espiritualista oriental**

**Francisco Valdomiro Lorenz**

## Proêmio

Cada país e povo tem heróis,  
Cada religião tem grandes santos.  
Suas nobres doutrinas são faróis  
Que espargem luz nos psíquicos recantos,  
Tornando para o espírito segura  
A marcha pela senda da cultura.

Os bons Cristãos adoram a Jesus,  
E têm razão; foi Ele um Ser Divino,  
Porém à Índia Krishna deu a Luz  
Com sua vida e morte, e seu ensino.  
E deste Santo e Herói contar-vos quero  
O que nos narra um crente Hindu sincero.



Dévaki, a mãe de Krishna

## I - O Sacrifício

A cortina do tempo deslizara  
Sobre a idade feliz do culto puro;  
O sopro audaz de Káli, a deusa avara  
Do desejo, da morte e todo o escuro,  
Pela face do mundo se estendia,  
Destruindo as virtudes e harmonia.

Não reinava a Justiça mais nos tronos,  
Como fora nos dias dos bons Pândus:  
Quando estes eram da Índia reis e donos,  
Sabiam justos ser, em sendo brandos:  
Eles, do Sol os filhos, puros Ários.  
Não eram maus, e nunca sanguinários.

Mas os outros, sem luz, desumanos,  
Alçando a vitória na árdua luta,  
Patentearam suas almas de tiranos  
Exercendo vingança e força bruta  
E esmagando os vencidos cruelmente,  
Sem pouparem o velho ou inocente.

Como negra era a cor de suas faces,  
Tinham as almas negras, como as feras;  
Agitados por vis paixões rapaces,  
Se igualavam aos tigres, às panteras;  
Um ao outro atacava por um nada...  
Gemia a terra, toda ensanguentada...

No Norte da Índia, sita a boa altura,  
Sobre a margem de um rio, forte, altiva  
E rica se ergue a célebre Madura.  
Além dos templos dois de Káli e Shiva,  
Dez palácios a grã cidade abarca,  
Sendo o mais majestoso o do monarca!

Era o rei nesse tempo o duro Kamsa,  
Que só pensava em guerras e conquistas.

Para chegar ao alvo, fez aliança  
Com Kalayêni, o rei da raça mista.  
Temido mago negro; e até desposa  
Sua filha, a Nisumba voluptuosa.

Confiando nos sutis poderes magos,  
Do seu sogro, senhor dos montes Víndia,  
Nutre Kamsa desejos, não mais vagos,  
De reinar sobre toda a terra da Índia,  
Mandando desde a eterna neve branca  
Do gigante Himalaia até à Lanca.

Surgiu, pois longa luta, rija e turva;  
Bateram-se o invasor e o proprietário,  
E em breve muito príncipe se curva  
Perante Kamsa como tributário;  
Quanto, porém, mais próximo da meta  
Um pensamento mais ao rei inquieta.

Grandes riquezas tem, e um grande império,  
Bela rainha, luxo, glória, brilho;  
Mas uma dor contínua na alma fere-o,  
Por não ter de Nisumba um caro filho.  
Um filho para ser o seu herdeiro.  
E se tornar senhor do mundo inteiro.

Com crebros sacrifícios a rainha  
Cuidou de obter de Káli o privilégio  
Que pedia, mas ainda não obtinha:  
Dar à luz um varão régio.  
Que da ordem fosse um sólido renovo,  
Esperança dos pais, glória do povo.

Foi tudo em vão: a deusa não se digna  
Ouvir, e satisfazer o ardente rogo.  
Então ao povo inteiro o rei designa  
Um dia de invocar, diante do fogo  
E segundo os solenes velhos ritos,  
Dos Devas os poderes infinitos.

Ardem os fogos santos e, os incensos  
Sacrificiais se elevam dos altares  
E sobem aos espaços do ar imensos,  
E alcançam o éter fino sobre os ares,  
Para levar as súplicas da massa  
Aos Devas implorando sua graça.

De todas as ofertas um aroma,  
Um só, nos céus achou aberta entrada;  
Os Deuses ao tomarem o doce Soma  
O perceberam, e eis que lhes agrada:  
Essa oferenda foi da irmã de Kamsa,  
Virgem cheia de fé e de esperança.

Dévaki, que passara seus bons anos  
De infância, se ocupando em útil lida,  
Modesta, sem nutrir ideais ufanos,  
Era afável, com alma ao céu erguida:  
No seu coração, submisso e casto,  
De iniquidade não havia rasto.

Do céu olhou à terra com doçura  
Vishnú clemente, ouvindo a bela prece:  
Com seu olhar fitou a Virgem pura  
Que, ao lado de Nisumba, orou que viesse  
O Amor ao rei o filho desejado,  
A quem passasse a glória do reinado.

Que quadro de admirável colorido  
Com olhos seus contempla Mahadeva!  
Luzem as joias e o ouro no garrido  
Exterior de Nisumba, mas em treva  
Sua alma está, rodeada por demônios,  
Apenas para más ações idôneos.

De Dévaki a roupagem é singela,  
Sem rica e fina joia, prata e ouro;  
Mas o fundo do espírito revela  
Das mais belas virtudes um tesouro,

Do qual exala um brilho que é tão limpo  
E tão suave, como o ar no céu do Olimpo.

Pergunta o rei ao sábio Purohita:

“Então, que diz dos Devas o sufrágio?”

Sacros mantras o brâmane recita

E, concentrado, observa o mau presságio

Que a oferta de Nisumba manifesta,

E comunica ao rei a nova mesta:

“Tudo que veem meus olhos, se resume

Nestas palavras: Ficam sem efeito

A prece da rainha, e seu perfume,

Que pelos Deuses bons não foi aceito.

Dum outro claustro, límpido, fecundo

E santo, nascerá o Senhor do mundo”.

“E quem será?” o rei curioso indaga,

“Aquela que por Deus é preferida?

De que família e nome? Qual a plaga

Onde essa santa passa sua vida?”

“Não a procures longe”, entusiasmado

O sacerdote exclama, “está a teu lado”.

“Não zombes, Rishí,” - “oh! rei, eu sério falo;

É tua irmã, é Dévaki, a bendita! ...”

Tomado por um duro e forte abalo

Ao ouvir um oráculo que o irrita,

Trazendo-lhe amarguíssimo desgosto,

O monarca se retira indisposto.

Contínua nos ouvidos lhe retumba

A voz do céu que os planos seus lhe borra,

Estando a sós com ele, diz Nisumba:

“Ouve, é preciso que essa virgem morra,

Que deixe de existir, e isto o mais breve!

Ama-a Vishnú? então pr’a si a leve!”

“Como?!” o marido exclama. “Não tens medo  
Que os Devas que a protegem e distinguem  
Nos venham castigar, mas tarde ou cedo,  
E sua morte em nós cruelmente vinguem,  
Quem pode tão ousado ser e forte  
Que dos Devas a cólera suporte?!”

Nisumba, cujo sangue em chamas arde,  
Grita furiosa: “Dá-lhe, pois, o trono!  
Aos sacerdotes curva-te, ó cobarde!  
Se ela viver, desde hoje te abandono;  
Irei a meu pai ... Amores teus rejeito;  
Não me verás à mesa, nem no leito!”

Ao dizê-lo, a rainha fogos lança  
Dos sedutores olhos; torce o braço;  
Tremem-lhe os quentes seios ... e o rei Kamsa,  
Ao sopro da volúpia, cai no laço  
E pede: “Não me deixes e eu te juro  
Que cuidarei atento do futuro”.

“Não temas a vingança dos celestes”.  
Diz ela, “pois meu pai te apoia e te ajuda  
A lutar com os Devas sempre lestes ...  
A fim que a deusa Káli nos acuda  
No combate que os Devas nos promovem,  
Sacrifiquemo-lhes esta casta jovem!”

“A poderosa Deusa do Desejo  
Há de gostar do sangue desta santa;  
E, morta Dévaki, eu, oh rei! o vejo:  
Da nossa audácia até Vishnú se espanta  
E Káli, grata, vendo que eu me humilho  
Somente diante dela, dá-me o filho!...”

O rei, a quem o olhar sensual fascina,  
Vencido, a tudo anui. Nisumba exulta,  
Urdindo sua trama de assassina ...  
Mas Dévaki por sábia mão acuta

Foi protegida e salva do perigo.  
E conseguiu achar seguro abrigo.

Pois nessa mesma noite o Purohita  
Pelo Céu avisado foi num sonho  
Que Nisumba, a feroz mulher maldita,  
À virgem preparava um fim medonho;  
Correndo à casa desta, lho anuncia,  
E a subtrai ao poder da astuta Harpia.



Vishnu

## II - A Fuga da Virgem Dévaki

Pela mão delicada de Morfeu  
Ao Santuário do Sonho conduzida,  
Dévaki ignora o plano que teceu  
A sua cunhada enfurecida  
E que até os algozes já escolheu  
Para em breve roubar-lhe a cara vida.

A virgem vê no sonho o Sol parar  
No meio do alto, claro firmamento.  
Os seus raios dourados enchem todo ar;  
Doce perfume exala um brando vento.  
A donzela elevou ao céu o brando olhar  
E percebeu Vishnú em áureo assento.

Rodeando o Grande Deus em esplendor,  
Lindos anjinhos voam e, adorando  
Cantam louvores gratos ao Senhor:  
“Bendito seja, Verbo venerando,  
Verbo de Deus que à terra vens te opor  
À prática dum crime vil, nefando”.

Depois a Virgem viu aparecer  
À direita do Deus que aos bons anima,  
Um vulto majestoso, um nobre ser,  
Não há palavra humana que bem exprima  
O grau a que Ele deve pertencer:  
É como um homem, mas aos Anjos prima!

Seu olho fita a testa virginal  
E a jovem sente todo cérebro seu cheio  
De luz viva como a dum fanal ...  
Neste instante o brâmane, que veio  
Para frustrar a tática infernal,  
Despertou a donzela sem receio.

Não fora o Rishí visto por ninguém,  
Bem que passasse em frente dos soldados

Cravando neles, firme e com desdém,  
Seus mágicos olhares adestrados,  
Deixou-os, pelo dom que um Mago tem,  
Imóveis, surdos, cegos, desmaiados.

No aposento onde Dévaki dormia,  
Também estavam duas jovens damas.  
Fixando o Rishí o olhar com energia  
Nas criadas que dormiam lá nas camas,  
Fez continuar a sua letargia,  
E viram nela belos panoramas.

Abriu a sua vista a irmã do rei.  
O brâmane lhe expõe o que lhe ameaça  
Por parte de Nisumba e sua grei.  
“Eu para defender-te da desgraça  
Ontem vim aqui, e esgarçarei  
Os criminosos planos que ela traça.

A fim de ser este êxodo eficaz  
Por Vishnú e por Maya protegido,  
As formas de teu corpo ocultarás  
Debaixo de um paupérrimo vestido,  
Como entre as Bhikshunis uso se faz  
E que por elas te é oferecido”.

A virgem fez assim e, com um véu  
Tornou latente a luz do seu semblante.  
Saíram do palácio. Quis o céu  
Que ali ninguém os visse, nem adiante.  
Murmura o Rishí; “A nós cabe o troféu;  
Da virtude a vitória Deus garante”.

E como um amável anjo tutelar  
Pr’a fora da cidade adormecida  
Levou o sábio a jovem ao lugar  
De onde partia a senda conhecida  
Que num bosque magnífico ia dar  
Em cujo centro se encontrava u’a ermida.

“Daqui eu para casa voltarei,  
Aproveitando a noite parda”.  
O sacerdote diz: “Do dia o rei  
De aparecer no Oriente já não tarda.  
O bom Deus, a cuja ordem te ampararei,  
Não deixará de dar-te a salvaguarda”.

Com lágrimas que cortam sua voz,  
A virgem agradece ao nobre guia  
Que a salvou da homicida mão atroz;  
Beija-lhe os pés e, cheia de energia,  
Despede-se, e sem medo, segue a sós  
Pela senda que a Luz lhe alumia.

A alvorada no infinito azul zimbório  
Dos astros apagava as luzes fracas,  
Quando os algozes, vindo ao dormitório  
Da irmã do rei, na mão afiadas facas,  
Para matar a casta virgem pia,  
Sua cama acharam já vazia ...

Interroga o monarca as duas damas.  
Estas, tremendo, afirmam que a atmosfera  
De forte luz se enchera, e de áureas chamas  
E veio um Deus, - Vishnú, opinam, que era,  
Dando sua mão à Virgem, e nos ares,  
Com Dévaki se sumiu aos seus olhares.

Interroga o monarca as sentinelas,  
Dizem ter visto luz tão deslumbrante,  
Como se fossem mil acesas velas,  
E esta luz os cegou por um instante;  
Não viam nada, mas ouviram vozes:  
“O céu protege os bons contra os atrozés”.

Chama o monarca os guardas da cidade.  
E a todos interroga, já com fúria:  
“Como é que uma menina nos evade?  
Quem de vós é o culpado desta incúria?

De noite estava aberta alguma porta?  
A Dēvaki alguém viu, ou viva, ou morta?”

Ninguém a viu. E toda guarda jura  
Que as portas todas foram bem fechadas;  
Mas que uma luz fendeu a noite escura.  
Um raio forte, vindo com rajadas  
Dum vento que cantava, e assim dizia:  
“O bom Deus aos virtuosos auxilia”.

Estremeceu o rei e teve susto:  
Sentiu e viu que Dēvaki, escudada  
Por um braço invencível, mui robusto,  
Se evadira de sua mão e alçada:  
Kamsa calou a voz da alma violenta,  
Mas seu ódio de dia a dia aumenta.



Vasishtha e Kāmadhenu

### III - Dévaki entre os Anacoretas

Quando o céu começou a haurir o raio  
Que a aurora despejava no Levante,  
A virgem, ameaçada por desmaio,  
Entrava, com o pé, já cambaleante,  
Numa enorme floresta hospitaleira,  
Onde frutas lhe deu uma mangueira.

Essas frutas a curaram da fadiga,  
E pôde caminhar por longas horas.  
Do calor a folhagem verde a abriga:  
Ânimo lhe dão as músicas sonoras  
Dos alegres alígeros cantores,  
E os perfumes das frutas e das flores.

A santa não se assusta quando os ramos  
Sob o sopro dos búfalos estalam,  
Nem quando vê correrem velozes gamos,  
Ou o pular dos macacos que não calam;  
Nem quando um elefante brande a tromba,  
Ou o feroz rugir dum leão ribomba.

Dévaki segue, intrépida e segura.  
Sabe que o Céu protege a sua vida,  
E vê que bem lhe quer toda a Natureza.  
Na profecia pensa, e não duvida  
Dos dizeres do oráculo jucundo:  
Que um filho seu será Senhor do mundo.

Caminhou animada, até que o dia  
Recebera do Sol o último afago,  
E o crepúsculo as aras estendia  
Sobre a planície, em cujo centro um lago  
Beijava-se com cisnes, com gazelas,  
Alvos lótus, ninfeias amarelas

Na outra margem do lago que sorria,  
Por esguias palmeiras abrigada,

Dos santos Rishís a erma moradia;  
E lá será o fim desta jornada!  
À borda da água via-se, à luz parca  
Do crepúsculo, um homem e uma barca.

Um eremita ancião era o barqueiro,  
E tinha branca barba, e branca face.  
Enviou à Virgem seu olhar ligeiro,  
Fez-lhe sinal que nessa barca entrasse,  
E ambos logo se afastaram dessa costa,  
E foram navegando à riba oposta.

Sentado numa pele de gazela,  
Na margem os aguarda um Muni santo;  
De pele é sua túnica singela,  
E outra pele lhe forma o simples manto;  
É Vasishta, o estimado rei e guia  
Da gente que ao Samsára renuncia.

Levantou-se o estimável eremita  
E dirigiu à Dévaki a palavra:  
“Sê bem-vinda entre nós, Virgem bendita!  
Segura estás aqui; nem te escalavra  
O projetado golpe do inimigo.  
Descansa; o Grande Deus está contigo”.

Enquanto assim falava o monge-asceta,  
Os outros eremitas lá chegaram  
Que, obedecendo à Voz do Deus asceta,  
Todos nessa hora ali se congregaram;  
E como lhes ordena o chefe velho,  
Diante da Virgem dobram o seu joelho.

“Ouvi atentos”, diz então o sábio,  
“Compreendi o mistério mais profundo  
Que vos é publicado por meu lábio:  
Para regenerar o nosso mundo,  
Do Céu um santo Espírito descera,  
E nesta Virgem a sua mãe será”.

Os Rishís conduziram em seguida,  
Cantando ao Deus Supremo ações de graça,  
A jovem mais adiante, à outra ermida  
Que, na distância duma krosha escassa,  
Na beira do outro lado edificada,  
Às Bhikshunis servia de morada.

Com júbilo e prazer as penitentes  
Receberam a irmã do rei preclara.  
Todas lhe dando as honras competentes  
E, conforme Vasishta as avisara,  
Saudaram a nobilíssima confrade  
Como o espelho da Luz da Divindade.

Sabiam que já tinha sido eleita  
Pelo Céu para ser a mãe dum Santo.  
Sua presença amável as deleita,  
Enchendo os corações de doce encanto;  
E, como superior lhes é deveras,  
Nada Lhe impõem das práticas austeras.

Vestiram-na de estofos mui vistosos,  
Assim como se veste uma rainha;  
Davam-lhe os alimentos mais gostosos;  
Podia na floresta andar sozinha,  
Conversar com sua alma, ler no céu  
Ou escutar das ondas o escarcéu.

Um dia, olhando os troncos seculares,  
Ouviu que Lhe diziam os seus ramos:  
“Sentimos, Santa, ao Tu nos contemplares,  
Que em presença dum Ser nos encontramos  
Que vem a Ti e, sendo um dos celestes,  
Desceu a fim que ao mundo o manifestes”.

Desliza o olhar da Virgem pela calma  
Face das águas limpas da lagoa,  
Que reflete a candura de sua alma.  
Neste momento no ar sereno soa

Uma angélica, suave melodia,  
Ao cujo som a Virgem se extasia:

“Alegrai-vos, ó bons e sofredores,  
Vós, filhos da família de Manu,  
Já vem para aliviar-vos as vossas dores  
O avatára bendito de Vishnú.  
Para salvar-vos, vosso irmão será;  
Da casta Dévaki Ele nascerá”.

A santa vive assim, ao Céu ligada,  
O extático colóquio se repete:  
De novo soa a música sagrada ...  
A Luz completou já rondas sete,  
Vigiando o misterioso, sacro drama,  
Quando Vasishtha a si a Virgem chama.

“O teu irmão”, lhe diz, “teu inimigo,  
Com o auxílio da mágica arte obscura,  
Descobriu onde achaste teu abrigo,  
E para te matar já te procura;  
Mas pelos bons Poderes Soberanos  
Há de ver destruídos os seus planos!”

“A vontade do Deus que rege os mundos,  
Se cumpre, queira ou não o rei sagaz,  
E todos os seus acólitos imundos.  
Não te assustes! Eu sei que viverás,  
E viverá também o teu fruto  
Que trazes no teu ventre, no impoluto”.

“Mas é mister deixares-nos agora.  
Os irmãos te guiarão à boa gente  
Que nas faldas do Sacro Monte mora  
E do rei Kamsa não é dependente.  
Ali darás à luz o filho amado.  
E Ele Krishna por ti será chamado”.

“Conserva tua fé; não tenhas medo;  
Não deverão vencer os que te afligem.  
E fique para todos um segredo,  
A tua, e do filho teu a origem,  
Que nem por Ele deva ser sabida.  
Este Arcano defende a vossa vida”.



Krishna e a serpente Kaliya

#### IV - A Juventude de Krishna

Aos pés do Monte Sacro e gigantesco,  
Em cujo cume os Devas se reúnem,  
Estende-se um virente vale fresco.  
Nas fraldas da montanha os matos zunem,  
E no verdor dos campos conchegados  
Os pegureiros pascem os seus gados.

Cumprindo as ordem sábias e secretas,  
Ao chefe dessa tribo, o velho Nanda,  
Conduziram os bons irmãos ascetas  
A sua protegida veneranda  
E, pondo-a sob o amparo do patriarca,  
Volvem à eremítica comarca ...

Dévaki agora chama-se Sumaya,  
E Nanda, só, conhece o seu segredo.  
Mas antes cairia o Himalaia  
Que esse velho caísse num enredo  
E revelasse a algum irmão profano  
Um jota do profundo, santo Arcano.

A refugiada deu à luz o filho,  
E Ele deu ao mundo escuro a Luz.  
O avatára Divino mostra o trilho  
Que ao Saber e ao Supremo Bem conduz;  
E desde a infância e juventude  
Dá preciosos exemplos de virtude.

“Krishna”, chamou a mãe ao belo infante,  
E o nobre coração materno O adora.  
Os pastores O chamam o “Radiante”,  
Porque seus olhos como a luz da aurora  
Ao derredor espalham alegria,  
E seu sorriso as dores alivia.

Cresce Krishna, brincando c’os pequenos,  
Dando prazer à mãe idolatrada,

Obedecendo sempre a seus acenos.  
Quanto mais cresce, tanto mais agrada  
A toda a vizinhança, e mais O estranha  
A boa, simples gente da montanha.

Era o pequeno Krishna destemido,  
Ao mesmo tempo meigo, bom e audaz;  
De sua boca não se ouviu gemido;  
E muitas vezes visto era o rapaz  
Deitado sobre a relva das campinas  
E abraçando panteras pequeninas.

Queria bem a todo ser vivente,  
E todo o ser também muito O queria;  
Nunca O mordeu a abelha ou serpente;  
Nenhum espinho ao corpo lhe feria;  
Tudo era seu amigo; desde as fadas  
E gnomos, até as feras amansadas.

Mas, sobretudo amava a mãe graciosa,  
Aos olhos seus Sumaya é uma Dea,  
E encanta-O, é a palavra deliciosa  
Que na mente lhe implanta a nobre ideia  
De procurar e achar a estreita senda  
A fim que, nela entrando, ao Céu ascenda ...

Quando a décima quinta primavera  
Com suas flores a Krishna presenteava,  
Do invencível Destino a mão severa  
Com a primeira dor O verberava:  
Chamada por Vasishta à sua ermida,  
Partiu e não voltou a mãe querida.

Apenas avisou, já moribunda,  
A Nanda que guardasse seus segredos ...  
Krishna em grande tristeza se aprofunda,  
Foge da gente, deixa dos folguedos,  
E, carregando o peso da saudade,  
Vagueia, e da natal região, se evade.

Já, durante semanas, solitário  
Pelo Monte Meru anda sem alvo ...  
Subitamente um Muni centenário,  
Com longa barba branca, crânio calvo  
E olhos vivos, coloca-se a seu lado  
E pergunta ao mancebo assombrado:

“A quem procuras?” - Krishna lhe responde:  
“A minha mãe” - “Aqui em vão a buscas”  
- “Tu a conheces? Sabes quem ma esconde?”  
- “Conheço-a, e sei que destas terras fuscas  
Partiu para um lugar de grande brilho;  
Procure-a, pois ali, meu caro filho!”.

“Como, porém, ó Rishí, a encontrarei?”  
“Quando não te assustar a seta aguda,  
Vê-la-ás em casa desse magno Rei  
Que tem todo poder e nunca muda”.  
“E tornarei a ver-te, a ti, Senhor,  
Oh, dize-me, tu cheio de esplendor!”

“Sim, Krishna, tornarás a ver-me ainda.  
Quando a filha da Serpe e Mau Agouro  
Num plano da infernal malícia infinda  
Levar ao crime o Filho Atroz do Touro,  
E este, cego, ceder à sua fúria;  
Tu me verás em viva luz purpúrea”.

“Verás como eu o mau projeto entravo,  
E farei com que o mundo te conheça.  
Degolarás então o Touro bravo,  
E esmagarás da Serpe a má cabeça”.  
O Rishí assim falou e, ao terminar,  
Parecendo subir - some-se no ar! ...

Transformado, o mancebo desce ao vale.  
Sente, pois, não lhe convir que se embale  
Na estéril languidez da dor ardida.  
Seu ânimo concebe a ideia brusca

De, entre as feras e serpes, ir em busca  
Do rumo que conduz à Mãe querida.

Para encontrá-la, disse o Muni santo,  
Das setas deverás vencer o espanto,  
E as feras e serpentes esmagar;  
Fazendo assim, sem dúvida, num dia  
Junto do Rei Potente toparia  
C’o a Mãe e o velho Muni tutelar

Novo horizonte vê desabrochando.  
Em poucos dias, ei-lo, com um bando  
De intrépidos e jovens companheiros:  
O arco nas fortes mãos, no cinto a espada,  
De pastores a coorte é transformada,  
Em breve, em corajosos, bons guerreiros!

E batem as florestas, matam as feras:  
Hienas, chacais e lobos, e panteras,  
E sanguinários tigres, fortes leões;  
Dos fracos e dos bons são defensores,  
E fazem guerras aos maus e aos opressores;  
Libertam povos, punem aos ladrões ...

Soube Krishna das forças surpreendentes  
De Kalayêni e das hórridas serpentes,  
Encarnações de seres infernais;  
A quem, olhares, tornam seu escravo,  
Tiram-lhe a luz do cérebro seu, cavo,  
Sua energia não lhe volta mais.

Resoluto vai Krishna e diz ao mago:  
“Quero lutar, e tu verás que esmago  
A cabeça do rei dos teus reptis”.  
O feiticeiro ri: “Tu, insensato!  
A casa volve, digo-te, pacato!  
Da luta não terás um fim feliz”.

Insiste o moço. Então o rei Yavana,  
Que agora acerca do êxito se engana,  
Leva Krishna ao templo tenebroso;  
Faz um sinal, e surge lá no fundo,  
O enorme corpo azul dum ser imundo,  
E rola pelo chão frio e pedregoso.

A serpente dirige ao moço a vista;  
Entumeceu a sua rubra crista,  
Os seus olhos projetam chama ardente.  
“Adora-a”, diz o mago, “não combatas;  
Ela te matará, se não a matas,  
Entrando em luta. Adora-a, sê prudente!”

Porém, sem responder, o ousado moço  
Já agarrou o reptil pelo pescoço,  
Apertando-o com sua firme mão.  
Nem dúvida, nem medo invade-o,  
Dá um certo golpe com seu gládio,  
E a serpente, partida, cai ao chão.

Ao morrer, a cabeça decepada  
Ergue-se e diz: “Ó Krishna, com a espada  
Não forçarás, que venha a ti, a luz  
Que só aos pensadores se revela.  
Da filha da Serpente tem cautela!  
Deixa amadurecer os frutos crus!”

“Vai-te!” exclama Kalayêni, “eu vejo  
Que te ajuda, dos Devas, um cortejo.  
Vai-te, mancebo; não te quero ver”.  
E Krishna foi. Ao Ganges foi sagrado,  
Lavar, com água santa, o seu pecado.  
Rezar e meditar era seu dever.

## V - Krishna e as Gôpis

Fez nosso herói sincera penitência,  
E sentiu renovar-se-lhe a energia  
Ao seu regresso à antiga residência,  
Que de férteis pastagens emergia.

Sob um idoso cedro, ao pé do monte  
Sentou-se Krishna, e pensa no passado,  
A fim que clara ideia lhe desponte  
Acerca do futuro aproximado.

Do céu azul sereno resplandece  
Da Luz meiga o disco de alva prata;  
Seu raio pelo tronco à terra desce,  
A sua luz ao jovem arrebatá.

E a luz do céu rasgou o véu escuro,  
E Krishna achou a chave dos Arcanos;  
Clareia-lhe a missão de seu futuro:  
Vai espargir a Luz entre os humanos.

Não deve mais matar terrestres feras,  
Não deve mais lutar contra serpentes;  
Percebe que elas são figuras meras  
Dos seres, na alma própria residentes.

O moço soergue a testa, o olhar eleva  
E pensa em sua Mãe inesquecível,  
Que na mansão celeste Mahadeva  
A envolve em sua luz imarcescível.

Saudosa comoção agora o invade,  
Como um mágico encanto repentino;  
E o jovem, em louvor à Divindade,  
Com harmoniosa voz entoa um hino.

Vibra a atmosfera ao som da melodia,  
O ar ao longe transporta as claras vozes.

Gôpis curiosas, saem da moradia,  
E ao nosso herói achegam-se velozes.

Atrai-as o maravilhoso som do canto  
Em que uma milagrosa força fala,  
Ora num tom de júbilo, ora num pranto ...  
Terminando a canção, Krishna se cala.

Nesse momento vê, bem a seu lado,  
As pastoras simpáticas mui belas,  
Que com seu canto têm-se regalado ...  
E vê no céu sorrirem as estrelas.

Na alma de Krishna o brilho se combina,  
Do olhar das pastoras que ressalta,  
C'ó a resplandecente luz divina,  
Derramada pela celeste abóbada alta.

Estes clarões penetram todo o jovem,  
E uma imagem, que do éter puro emana,  
Lhe mostra como Eternas Forças movem  
Os destinos do mundo e a raça humana.

Então seu lábio expõe em verso culto  
Os quadros e as visões encantadoras  
Que vê no seu mental cenário oculto.  
E muito atentas, ouvem as pastoras.

Essa doce voz, o olhar tão firme e brando,  
Cada noite as atrai àquela selva.  
E lá se deixam horas, escutando  
Absortas, e assentadas sobre a relva.

Krishna assim suas mentes lhes afina,  
Com elas canta aos Deuses os louvores,  
Dá-lhes instrumentos, e as ensina  
Tocarem liras, címbalos e tambores.

E eis que executam danças religiosas;  
E dá prazer o ritmo desses passos  
Quando, de lotos ornadas e de rosas,  
Movem com graça os pés e os lindos braços.

Das Gôpis duas filhas são de Nanda;  
Jovial é uma, e a outra triste e calma:  
É Sarasvâti a que entre risos anda,  
E Nishdâli a que vê ao dentro d'alma.

Ambas modelo são de formosura,  
E têm um coração ardente e terno;  
Amam ao moço herói com alma pura,  
E provas lhe darão de amor eterno.

Numa bela manhã, depois das danças  
As pastoras voltaram a seus lares,  
De canto e riso enchendo as vizinhanças  
E repetindo muitos cantos singulares.

Mas as filhas de Nanda ficaram ainda  
Com o Instrutor amável na floresta,  
Sempre a mirar a sua face linda,  
A vista sonhadora, a larga testa.

Assentadas até em sua frente  
Sorvem felizes todo olhar do moço.  
Sarasvâti ousada de repente  
Seus quentes braços lança-lhe ao pescoço.

E em êxtase de amor assim exclama:  
“Ó! Krishna, nosso bem querido Mestre,  
Ao brilho do semblante teu, quem te ama  
Se imerge num prazer supraterrrestre!

Ouvindo as tuas falas abençoadas,  
Somos as mais ditosas das mulheres;  
Como, porém, seremos desgraçadas  
Se abandonar, num dia, nos quiseres!

Oh! que ventura, sempre estar contigo!  
E pode ser assim ... se um dia nos desposar.  
Oh! faze-o, Krishna, nosso amado amigo:  
Terás mulheres fiéis e laboriosas”.

Enquanto Sarasvāti assim falava,  
Dilatando a pupila luzidia,  
Nishdáli, muda, os olhos seus cerrava,  
E a palidez o rosto lhe cobria.

“Por que escondes dos olhos teus o lume?”  
Pergunta o jovem, muito comovido.  
Diz Sarasvāti: “Tens, de certo, ciúme;  
Não queres ver como te abraço, querido”.

- “Não, Krishna”, lhe contesta a irmã; “Eu contemplo  
Tua imagem no fundo do meu ser;  
Aqui gravada está, neste meu templo;  
Podes partir: eu sempre Te hei de ver”.

Krishna sorri, e dos braços se desprende,  
Que seu pescoço cingem com ternura.  
No meigo coração o Amor acende  
Um fogo que nos olhos lhe fulgura.

Olha ambas as pastoras como em sonho;  
E ambas depois nos braços seus enlaça,  
E beija de uma o lábio, tão risonho,  
E beija da outra a bela fronte baça.

Nestes dois beijos sentiu Krishna todas  
As volúpias que pode dar a terra:  
O enlevo dum feliz noivo nas bodas,  
O encanto do amor que a taça encerra.

Foi um instante só de casto gozo,  
Súbito exclama, erguendo os braços seus:  
“Não posso ser, queridas, vosso esposo,  
Antes que cumpra as ordens do Alto Deus.

Hei de ensinar ao povo o amor mais puro,  
A renúncia aos encontros vãos de Maya:  
Às almas apontar melhor futuro,  
Embora colha dor, tortura e vaia!

Hei de mostra até ao inimigo  
Que da Bondade a Luz em tudo vence.  
Fujamos da paixão, que traz perigo!  
A minha vida ao Grande Deus pertence”.

Estranharam as Gôpis o entusiasmo  
Com que as palavras Krishna proferia;  
Notaram com grande susto e pasmo,  
Que, ao dizê-las, um côvado lhe crescia.

A ambas sacode um medo repentino;  
Ambas fogem, chorando para o lar.  
E, por outra estrada, o herói divino  
Põe-se, com passos firmes, a caminhar.



Krishna entre as Gôpis

## VI - A Iniciação

Muitos esforços Kamsa tinha feito  
Para achar sua irmã e seu asilo.  
Em vão! Não conseguiram descobri-lo  
Nem os espias vis, nem longo pleito.  
Raivoso, porque Dévaki fugira,  
Sobre os Múnis o rei cuspiu sua ira.

Exigindo que sua irmã lhe entreguem,  
Com castigos severos os ameaça ...  
Mete alguns na prisão, a outros dá caça ...  
Nada, porém, medidas tais conseguem,  
Protegido por sólido prestígio,  
Fica oculto de Dévaki o vestígio ...

Veio, num dia ao palácio do rei Kamsa,  
Vasishta, o reverendo solitário.  
Saúda a guarda ao Múni centenário,  
E este, guiado por uma cabra mansa,  
Diretamente ao trono se encaminha,  
Onde senta-se o rei com a rainha.

“Filho do touro”, diz o Rishí velho,  
“Tu que persegues tanta gente boa,  
Saiba que o justo Céu te amaldiçoa.  
Filha da Serpe, cujo mau conselho  
Premeditou a morte da cunhada,  
Tu, cheia de ódio, sejas desgraçada!

E seja desgraçado o rei contigo!  
Vive o filho de Dévaki, e é valente;  
E antes que um mau demônio vos alente,  
Ele virá trazer-vos o castigo”.  
O nobre ancião palavras estas disse  
E saiu, sem que a guarda lho impedisse.

Horas passou o rei, paralisado  
De sua faculdade volitiva.

De clara decisão até o priva  
O contínuo pensar que é avisado  
Que toda precaução nada lhe val,  
Visto vivo existir o seu rival.

Por fim sua vontade ressuscita,  
O pensamento antigo à mente volte,  
Por Nisumba apoiado, o rei resolve:  
“Haveremos de matar esse eremita;  
Matar secretamente! - e o mais cedo!  
Com ele se sepulte o seu segredo!”

Alcançara aos ouvidos do monarca  
O rumor das insólitas façanhas  
De Krishna, o filho heroico das montanhas,  
Amado duma favorável Parca.  
E pensa o rei: “De Krishna o braço forte  
Me pode defender contra a má sorte.

Aquele que lutou, com bom sucesso,  
Com o monstro da serpe mais temível,  
Superior deve ser ao nosso nível,  
Em força e intrepidez, - eu o confesso;  
E, auxiliado por sua mão e seta,  
Eu mataria o velho anacoreta!”

A Nanda envia o rei seu mensageiro:  
“Manda-me o moço herói, propõe o astuto,  
Eu sábio e valentíssimo o reputo  
E penso em o fazer meu conselheiro,  
Ao matador da serpe malfazeja  
O condutor do régio carro seja!”

Ouve Krishna a proposta ... “Irei”, decide,  
E pensa: “Aquele rei que nunca muda,  
É Kamsa? Se assim for, com sua ajuda  
Saberei onde minha mãe reside”  
E vai à corte, e em breve alcança  
Do soberano a máxima confiança ...

Um dia disse a Krishna o rei, inquieto:  
“Vasishta, um feiticeiro poderoso,  
Há tempos, rouba a paz do meu repouso.  
À calma do meu sono impondo um veto;  
Pois ele, a vir ao trono se atrevendo,  
Lança-me maldição, o mago horrendo!

Visto que sua vida me perturba,  
Mataremos o velho vexatório;  
Porém secretamente, e que ignore-o  
Da população a inculta turba.  
Eu confio que tu me auxiliarás;  
Conto contigo, que és sem medo e audaz.

Iremos à eremítica floresta.  
Um espião que conhece toda estrada,  
Guiar-nos-á, pelos bosques, à morada  
Do velho que o meu cérebro detesta.  
Tens vista sã, tens ânimo tranquilo;  
Saberás mortalmente, pois, feri-lo.

Mas antes que c’o a morte feche o lábio  
E exale seu suspiro derradeiro,  
Que te revele o nome e o paradeiro  
Do meu sobrinho, sim?! Só ele sabe-o,  
E eu devo conhecer este mistério,  
Do qual depende a paz do meu império”.

Responde Krishna: “Acalma-te, meu rei,  
A minha valentia te demonstro.  
De Kalayêni não temi o monstro;  
Matei-o; ante quem, pois temerei?!  
Vamos; eu pronto estou; não tenhas medo;  
O velho há de dizer-me o seu segredo ... ”

Saíram disfarçados, como à caça.  
O céu era sereno, calmo o dia;  
O Sol seus raios quentes expandia  
Quando, porém, o carro régio passa

Tão longe da floresta, na atmosfera  
Esta imagem de súbito se altera.

Sumiu-se do horizonte o Sol ardente,  
Larga nuvem o céu azul oculta,  
A escuridão na terra e no ar avulta.  
“Por que se esconde o Sol tão de repente,  
E a escura bruma espessa o mundo abarca?!”  
Pergunta Krishna, sério, ao monarca.

“Vasishta ensombreceu o céu e a terra”,  
Diz Kamsa, “e contra mim a mata eriça,  
Tens medo, Krishna, desta dura liça?!”  
“Que mude o céu o rosto, não me aterra,  
Nem que a pesada rocha se levante”,  
“Assim me agrada, vamos sempre avante!”

Fustiga o moço aos céleres cavalos;  
Entra o carro na sombra da floresta.  
Raios fendem o espaço e a mata infesta  
E do trovão ronquejam os estalos,  
“Vasishta tem poder descomunal,  
Ó rei, se for tamanho temporal”.

“Matador de serpentes, tens receio?”  
“Em minha alma o receio, ó rei, não cabe  
Nem que a terra estremeça e o céu desabe”.  
“Então avante! Aquele que odeio  
Inda hoje há de perder a vida insana ...  
E eis ali sua mísera cabana!”

No fundo de uma álea de verdura  
Se avista a pobre casa do eremita.  
Sentado à porta, o ancião medita.  
O carro real parou na álea escura.  
No carro, estremecendo, fica Kamsa,  
E Krishna, a pé e só, à caça avança.

Subitamente o moço vê a face  
Do velho Rishí, lúcida e serena,  
Não fere ao Muni, como o rei ordena,  
Mas, jubiloso, cai em suave enlace.  
Reconhece o santo ancião que viu outrora  
No sacro manto, se ajoelha e o adora ...

Entrementes, o rei que não ouvia,  
Bem que o esperasse, grita alguma dor  
Que nem voz de jubiloso vencedor;  
Dirigiu-se à cabana, com o espia;  
E ei-lo petrificado por espanto,  
Vendo Krishna prostrado aos pés do santo ...

E Vasishta abençoa ao moço herói  
E fitando de Kamsa a face lívida,  
Exclama em alta voz, terrível e vívida:  
“Vieste matar-me? a morte não me dói,  
É porta pela qual das térreas trevas  
O justo passa ao pórtico dos Devas.

Queres saber, ó rei, o paradeiro  
Daquele que de Dévaki foi nado?  
Olhe aqui, quem me adora, prosternado  
Sendo teu condutor e conselheiro:  
Este é Krishna que nunca teve nada.  
É o filho de Dévaki, a abençoada”.

Escutou o monarca estupefato,  
Não se atrevendo a olhar a face austera  
Do nobre ancião; mas logo recupera  
Os sentidos e o sangue frio inato,  
E contra Krishna, que inda está ajoelhado,  
Uma seta dispara do seu arco bem puxado.

Tremeu seu braço e não acerta  
A seta pérfida ao alvo que procura,  
Mas do eremita velho o peito fura.  
Vendo o sangue jorrar da carne aberta

Do Rishí, que não dá nenhum gemido,  
Gemeu, tremendo, o Krishna destemido.

Pareceu-lhe fosse seu próprio peito  
Atingido por esse golpe fundo.  
“Não gemas”, diz-lhe o asceta moribundo.  
“É tempo já que eu deixe o mundo estreito  
E volva ao Imutável Rei Divino.  
Salvar o mundo, Krishna, é teu destino”.

Ergueu-se o moço, a mão levou à espada  
Para, punindo o autor do ímpio assassínio,  
Começar a cumprir o vaticínio  
Que proferira a boca veneranda,  
Para atingir o rei, porém, é tarde:  
Mui longe está fugindo já o cobarde.

Mas eis que um raio fende o céu sombrio;  
Krishna, junto ao pálido varão,  
Tomba à terra, tocado do clarão;  
Estende-se no chão seu corpo frio  
Porém sua alma sobe, em doce abraço  
Com a do nobre ancião, no infinito espaço.

Desaparece o bosque, a terra, o mar  
À vista da alma livre, em seu remonte.  
E novos mundos surgem no horizonte.  
E novas cores têm a luz solar.  
O voo trouxe Krishna enfim à altura  
Da incandescente, viva Luz mais pura.

E Krishna viu a face do Alto Deus  
O pai que aos seres todos gera e cria;  
E a mãe radiosa viu, que lhe estendia,  
Com divinal sorriso, os braços seus.  
E ambos, o Deus e a Mãe, em doce afeto  
O chamaram seu Filho mui dileto ...

Quando Krishna voltou a si, desperto  
Inda trovão rolava, e chuva intensa  
Molhando e escurecendo a mata densa,  
E zangava-se ainda o céu coberto,  
E tudo era tristeza pertinaz;  
Só nele, estava calma a luz e paz.

Serena e calma está sua alma agora.  
Pois ele penetrou atrás do véu  
Que aos terrestres mortais oculta o céu,  
E viu que a morte os corpos só devora,  
E só as forças físicas governa,  
Mas não destrói a real Essência eterna ...

E Krishna entrou naquela senda austera  
Que trilhava Vasishtha há tantos anos.  
Abandonou o mundo dos profanos  
E, entre os eremitas, acelera  
A mudança dos seus poderes místicos,  
Dos Vedas meditando os santos dísticos.



Krishna e Arjuna

## VII - O Triunfo

Anos passaram, Krishna já adquirira,  
Por seus ensinamentos e obras generosas,  
E forças que o profano tanto admira  
E que chama “Faculdades Milagrosas”,  
Clara fama, e seu grande nome gira  
Das classes pobres às muito poderosas.

Que saber, que Bondade manifesta!  
Como sua presença é procurada!  
Ei-lo, num dia, à mesa dum festa  
Em casa de um fidalgo de nomeada,  
Quando, para vê-lo ali, com voz modesta  
Duas mulheres vêm pedir a entrada.

Podem entrar, por serem penitentes;  
E Krishna vê de Nanda as duas filhas.  
Aos pés do Mestre ajoelham reverentes.  
“Tu, Krishna, como um Deus és sábio e brilhas”,  
Exclama Sarasvati; “Entrementes  
A minha face mostra do erro as trilhas.

Já fui a mais leviana das mulheres;  
Oh! que vergonha, ter caído tanto!  
Sou grande pecadora; mas, se quiseres,  
Tu me poderás salvar, Krishna, santo,  
Quando a mão de bom guia tu me deres”.  
E a pobre desatou em longo pranto.

“Oh! Krishna”, diz a irmã, “eu sempre te amei  
E agora que te encontro em plena glória,  
Sei que és filho de Deus, assim o diz a lei,  
Poderemos presenciar tua vitória!  
Senhor, tua bondade nos aceite  
A cooperarmos na Obra Meritória”.

Com notável surpresa dos presentes,  
A cuja ideia seus Ideais contrastam

O Mestre não rejeita as penitentes;  
Suas maneiras simples não o agastam  
E essas novas discípulas ardentes  
Da trilha do Senhor jamais se afastam.

Ainda o cetro real nas mãos de Kamsa,  
Tio de Krishna, e seu mortal inimigo,  
Cujo implacável ódio não descansa,  
Já muito tempo pensa o rei consigo:  
“Krishna pode usurpar a minha herança.  
Sua vida pr’a mim é um perigo.

O povo seduzível abençoa  
Ao sagaz pregador e falso asceta;  
E até de “santo” o título lhe doa.  
A multidão o toma por profeta.  
Se ele quiser tirar minha coroa,  
Quem o impediria de vir à meta?

Mas inda é meu o reino de Madura  
E Krishna há de morrer, pr’a que eu viva  
Tranquilo, e seja minha paz segura.  
Há de morrer! eu juro. Ouça-me, Shiva!”  
Assim o rei falou, numa voz dura.  
E resoluto ergue a frente altiva.

Para a margem do rio, o mais sagrado,  
Onde o profeta a Lei Divina prega,  
Um troço de soldados é mandado  
Por Kamsa, a quem seu ódio negro cega;  
E estes devem trazer Krishna algemado,  
Ou morto se ele vivo vir se nega ...

Falava o pregador ao povo à beira  
Do grande rio, cujas águas curam.  
Nisto um de seus discípulos o inteira  
De que soldados vieram e o procuram.  
Krishna sorri, dizendo: “Eu sei, gente guerreira,  
O que as ordens de vosso rei me auguram.

Mas peço, concedei-me um só instante.  
E as ordens conheci do Rei Celeste”.  
E em voz suave, brilho no semblante,  
Fala de Deus que cria, nutre e veste  
Aos seres todos, sendo um Pai amante  
Do anjo, do homem, da ave e besta agreste.

O doce som da lúcida linguagem,  
Enlevando, convence a rude gente.  
Poderiam prendê-lo, mas não agem,  
E escutam a palavra que, eloquente,  
Ante eles desenrola a santa imagem  
Da ventura que aguarda o bom e crente.

E tal foi do sermão o resultado,  
Que os guerreiros as armas entregaram  
A quem prender deviam, e a seu lado,  
Para serem seus discípulos, ficaram,  
“Deixamos de servir ao rei malvado;  
Pr’a servir ao Bom Deus”, lhe declaram ...

De cólera tremendo, o rei ordena  
Aos principais fidalgos do país:  
“A Krishna hei de impor severa pena;  
Trazei-mo; não ouçais o que ele diz;  
Por mais prodígios que ele ponha em cena,  
Prendei-o; não caiais em seus ardis!”

Respondem os fidalgos: “Sê tranquilo,  
Ó rei! O réu não há de incomodar-te.  
Nós todos prometemos não ouvi-lo.  
Haveremos de prendê-lo, sim, por Martel!  
A nós não impressiona o seu estilo;  
E não tememos sua magia e arte”.

Enganaram-se os nobres; e, a despeito  
Da promessa, não usaram sua arma.  
“Fidalgos”, diz-lhes Krishna com respeito:  
“Viestes prender-me? pois, se a Lei do Karma

Assim mo determina, eu me sujeito;  
E a pena, podereis logo aplicar-ma.

Os frutos das ações do Karma escolhe,  
E ninguém dos decretos seus se exime,  
Nada e ninguém do Karma a marcha tolhe.  
Castigo certo aguarda cada crime;  
Quem o bem pratica, boa sorte colhe,  
Se mereço castigo, pois, puni-me!”

Assim falou o Santo, e com brandura  
Fita aos nobres que o rei tinha mandado.  
Depois, a escravidão descreve dura  
Das almas que, sujeitas ao pecado,  
Se entregam à paixão da força impura,  
Tendo as ordens divinas rejeitado.

Da liberdade vera Krishna prega,  
Da liberdade da alma boa e lhana  
Que à prática do Bem sempre se entrega,  
Já nesta terra com bons anjos se irmana,  
A nada do ilusório mais se apega,  
E frui a Paz Eterna do Nirvâna ...

Exclamaram então os Kshátrias nobres:  
“Juramos, Krishna, ao rei levar-te preso;  
Mas não o podemos, pois tu nos descobres  
Como tornar nosso Eu livre, ileso;  
Tu nos libertas: justo é que te cobres;  
Prender-te; agora já nos é defeso”.

Depois, voltando ao rei: “Não temes nada”,  
Lhe dizem, “desse célebre profeta;  
A sua vida a Deus é consagrada;  
Ama a paz; tem conduta sempre reta,  
Sua doutrina ao povo muito agrada,  
E sobre a Senda clara luz projeta”.

Como, porém, o Mestre declarava,  
Um homem mau não pode ser feliz,  
Até dum rei a sorte é uma escrava  
Do Karma, pelos atos maus e vis.  
Kamsa os vassalos mais e mais agrava,  
Até que se subleva o seu país.

Com Kamsa, a gente negra e a amarela  
Tentam provar a bélica fortuna;  
Enquanto a todo o povo branco apela,  
E à sua volta o agrupa o forte Arjuna,  
Krishna dirige o carro deste, e vela  
Que coragem com sábia tática una.

Um Deus ao grande Mestre predissera:  
“Marte aos filhos do Sol há de ser fausto,  
Se tu prometes dar à morte fera  
O teu terrestre corpo em holocausto;  
Tua morte de mártir acelera  
O renascer moral do povo exausto.

Mas antes de entregares tua vida  
Ao regalo das setas mercenárias,  
Verás a grande guerra decidida  
A favor das valentes armas Árias”.  
“Aceito”, disse Krishna, “de alma erguida,  
O sacrifício e as dores necessárias”.

Por isso faz o que fazer importa,  
Tomando parte ativa na batalha:  
Guia; dissipa as dúvidas; exorta;  
Influi coragem e ânimo onde falhe  
Até que aos Pândus o êxito conforta,  
E o brado da vitória, enfim, se espalhe.

## VIII - Fim

Kamsa, sendo do trono despojado  
Pelas forças dos Pândavas valentes,  
Vivia com Nisumba, refugiado  
Em casa do “Senhor das más serpentes”.

“Foi Krishna a palavra resoluta  
Que, as dúvidas de Arjuna dissipando,  
Fez passar o troféu da grande luta  
Aos inimigos meus, filhos de Pându.

Mas a esperança ainda nos alenta;  
Ainda poderá voltar-me o trono,  
E então farei cair vingança cruenta  
Sobre Krishna e o maldito Rei do Sono”.

Disse assim Kamsa, e reúne alguns soldados,  
Gente de face negra e amarela,  
Dos Pândus inimigos declarados,  
E o plano de vingança lhes revela.

À região Himavática os envia:  
“Que Krishna agora está nesse lugar,  
Numa ermida, garante-nos o espia.  
Lá deveis surpreendê-lo, e o matar!”

Partiram os comprados homens e cruéis ...  
Junto dum alto cedro, ao pé do monte  
Krishna está, com as duas Gôpis fiéis,  
Fitando seu olhar no lúgubre horizonte.

“Por quê, Senhor, aqui nos conduziste,  
A esta tão desolada e fria serra?”  
Pergunta Sarasvâti, muito triste.  
“Mudo aqui está o céu, distante a terra”.

“Reza”, responde o Mestre, “para obteres,  
Sarasvâti, que a terra se aproxime,

E venham te falar divinos seres  
Que movam no alto céu sublime”.

Nishdáli exclama: “Estando nós contigo,  
Senhor, do Céu estamos sempre perto;  
E, desde que as pegadas tuas sigo,  
Feliz me sinto, mesmo no deserto”.

“Rezemos”, torna Krishna, “porque em breve  
Eu hei de entrar no pórtico da morte:  
É mister que eu ao Grande Deus me eleve  
Para que aos crentes fiéis dali conforte”.

E junto ao alto cedro já se ajoelha,  
Entregue às orações que fortificam.  
As mulheres ao pé da grande árvore velha,  
Sempre o contemplando mudas ficam.

Muitas horas o Mestre assim estava  
Todo imerso num êxtase profundo;  
De sua aura o fulgor manifestava  
Que era consciente já dum outro mundo.

Entes celestes enchem o ar selvático ...  
Nisto vêm os arqueiros com rumor:  
Ao eles depararem com o extático  
Profeta orando, param, com terror.

Quando, porém, lhes voltam os sentidos,  
Perguntas lhe endereçam, com insulto;  
E vendo que não foram respondidas,  
Irritam-se esses homens maus, incultos.

Ao cedro secular com forte laço  
Atam o Rishí, sem que Ele desperte.  
Depois, se colocando a poucos passos  
Atiram flechas sobre o Mestre inerte.

Quando a seta primeira ao Santo atinge,  
Este exclama: “Dos Pândos é a vitória!”.  
E diz, quando de sangue uma outra lhe atinge:  
“Vem comigo, quem me ama, à luz da glória!”

Mais outra seta o peito lhe perfura,  
Solta pelos soldados em cega ira.  
Então o mártir: “Grande Deus!” murmura,  
“Já me vou unir à cara mãe!” e expira ...

Espavorido fuge o inglório bando;  
Uma mão invisível os ameaça ...  
E as Gôpis caem à terra, desmaiando  
Sob o peso dessa dor e da desgraça ...

Os discípulos fiéis, com mágoa e pranto,  
Se despedem do Mestre venerando;  
Levam o corpo a Duvarka, o lugar santo,  
Onde, com ritos, deve ser queimado.

Ali reunida está a cidade inteira  
Ao funeral do nobre, divino homem.  
Ardem as vivas chamas da fogueira,  
E os átomos carnis do Rishí consomem.

Súbito Sarasvâti vem à pira  
E lança-se ao túmulo feroso,  
Aonde também Nishdâli já se atira,  
Clamando: “Nós seguimos nosso esposo”.

Porém, das chamas, ei-lo! vitorioso  
Surge imortal o filho de Mahadeva;  
Luz irradiando, sobre ao Céu glorioso,  
E consigo as esposas suas leva ...

Bendito sejas, Krishna! O teu ensino  
Por toda a parte a Luz e Paz derrama;  
Bendito teu Amor, Herói Divino.  
O Amor que salva a quem te segue e te ama! (fim do poema)



O jovem Krishna

## VOCABULÁRIO DE TERMOS NOTÁVEIS

- Acólito      ajudante, companheiro, assistente.  
*E todos os seus acólitos imundos.*
- Acuta        aguda, perspicaz, sutil, penetrante.  
*Mas Dévaki por sábia mão acuta*
- Álea         série de árvores e arbustos, passeio ou rua ladeada de árvores, arruamento de jardim.  
*No fundo de uma álea de verdura*  
*O carro real parou na álea escura.*
- Alígero      leve, rápido, veloz, alado.  
*Dos alegres alígeros cantores,*
- Anacoreta   monge, retirante, penitente, aquele que vive afastado do convívio humano, em vida contemplativa. Nesta narrativa, Nanda é um amigo dos anacoretas e Vasishta é seu chefe.  
*Eu mataria o velho anacoreta!”*
- Aras         altares. Em sentido figurado, símbolo de qualquer ideia ou sentimento (*Lusíadas*, III-119, 8). Em latim, *ara* significa também abrigo e proteção.  
*E o crepúsculo as aras estendia*
- Arcano       aquilo que é secreto, misterioso, enigmático, incompreensível, esotérico.  
*Este Arcano defende a vossa vida”.*
- Ário         Em sânscrito *ārya* designa:  
Um homem respeitável, honorável e de fé, habitante de *Āryāvarta*.  
Nome da raça que imigrou da Ásia Central para *Āryāvarta* (seu oposto são *an-ārya*, *dasyu*, *dāsa*).  
Hoje os árias são chamados arianos ou indo-europeus.  
Nos tempos primitivos, nome das três primeiras castas (por oposição a *sūdra*, a casta dos servos). Ver *casta*.  
Nesta narrativa, os ários são Filhos do Sol, de pele branca, considerados puros.

*Eles, do Sol os filhos, puros Ários.  
A favor das valentes armas Árias”.*

- Arjuna Um dos *pāṇḍavās*, filho de Pāṇḍu. Orientado por Krishna, condutor de seu carro de guerra, ele conduz a vitória, na grande batalha ocorrida no campo Kuru. A instrução de Krishna a Arjuna é o conteúdo principal do texto *Bhagavad-Gîtâ*.  
*E à sua volta o agrupa o forte Arjuna.*
- Avatára Em sânscrito *avatāra* designa o descendente, especialmente de uma divindade do céu, ou a aparição de uma divindade sobre a terra (mas mais particularmente as encarnações de Viṣṇu em dez formas principais, a saber: peixe, tartaruga, javali, homem-leão, anão, os dois Rāmas, Krishna, Buddha e Kalki).  
*O avatára bendito de Vishnú.*
- Baça morena, trigueira.  
*E beija da outra a bela frente baça.*
- Bhikshuni Em sânscrito *bhikṣuṇī* designa uma mendicante ou freira budista. Nesta narrativa, tem o sentido de retirante ou renunciante.  
*Como entre as Bhikshunis uso se faz*
- Brâmane Em sânscrito *brāhmaṇa* designa aquele que tem um conhecimento divino ou um homem pertencente à primeira das três classes sociais árias (geralmente um sacerdote conhecedor do Veda).  
*Sacros mantras o brâmane recita*
- C’o, c’os com o, com os.  
*Cresce Krishna, brincando c’os pequenos,*
- Casta em sânscrito *varṇa* (cor) designa uma classe de homens, uma tribo, uma ordem, uma casta (provavelmente a partir do contraste de cor entre as tribos originais negras e seus conquistadores arianos; no *Rig-Veda* é especialmente aplicado aos Āryas e aos Dāsas; mas mais propriamente aplicado às quatro principais classes descritas no *Código de Manu*, e no hino *Rig-veda* X-90, a saber: *brāhmaṇās* (brâmanes, sacerdotes), *kṣatriyās* (nobres, guerreiros), *vaiśyās* (produtores, artesãos, camponeses), e *sūdrās* (servos, escravos, serviçais,

provavelmente da cultura Dravídica). As três primeiras são *āryās* (arianos, nobres), a quarta é *an-ārya*.

Nesta narrativa, os ários ou árias são os Filhos do Sol, de pele branca, considerados puros. Os filhos da Lua são de pele negra, considerados misturados e impuros. O rei da raça mista é Kalayêni.

Cavo	oco, sem cavidade, fundo, sem enchimento, sem miolo. <i>Tiram-lhe a luz do cérebro seu, cavo,</i>
Címbalo	instrumento de percussão composto de dois pratos côncavos. <i>Tocarem liras, címbalos e tambores.</i>
Coorte	grupo armado, tropa; conjunto formado por um grande número de pessoas. <i>De pastores a coorte é transformada,</i>
Côvado	antiga unidade de medida de comprimento, equivalente a 0,66 m. Do latim <i>cubītu</i> : cotovelo; distância que vai do punho ao cotovelo. Ex.: “E qual de vós poderá, com todos os seus cuidados, acrescentar um côvado à sua estatura?” (Mateus 6:27). <i>Que, ao dizê-las, um côvado lhe crescia.</i>
Crebros /é/	frequentes, repetidos. <i>Com crebros sacrifícios a rainha</i>
Dea	Deusa. <i>Aos olhos seus Sumaya é uma Dea,</i>
Defeso	proibido, interdito. <i>Prender-te; agora já nos é defeso”.</i>
Dévaki	Em sânscrito <i>devakī</i> . Esposa de Vasudeva e mãe de Krishna. Filha de Devaka. Irmã de Kamsa, que intenta matá-la para que não nasça Krishna e realize uma profecia. <i>Dévaki, que passara seus bons anos</i>
Devas	Divindades, deuses. <i>Dos Devas os poderes infinitos.</i>

Duvarka	Em sânscrito <i>dvārakā</i> (de muitos portões), nome da capital, no lado oeste de Gūjarāt, suposta ter sido submersa pelo mar. <i>Levam o corpo a Duvarka, o lugar santo,</i>
Ensombre- cer	cobrir(-se) de sombra, ensombrar, tornar-se sombrio, escurecer. <i>“Vasishta ensombreceu o céu e a terra”,</i>
Ermida	pequena capela, templo ou santuário, situado em local ermo, afastado da cidade. <i>Chamada por Vasishta à sua ermida,</i>
Escalavrar	ferir, escoriar, esfolar. <i>Segura estás aqui; nem te escalavra</i>
Éter	Na concepção do homem primitivo, a terra era plana (ou levemente abaloada) fechada por uma abóbada, o céu. Este espaço entre o céu e a terra, preenchido pelo ar ou algum fluido sutil, era chamado de éter pelos gregos. O termo equivalente sânscrito é <i>ākāśa</i> . Em sentido geral: o ar, a atmosfera, o espaço vazio e o céu. <i>E alcançam o éter fino sobre os ares,</i>
Falda	vertente, orla, beira, sopé, fralda. <i>Que nas faldas do Sacro Monte mora</i>
Fanal	farol, guia, luzeiro, norte, algo que orienta. <i>De luz viva como a dum fanal ...</i>
Fausto	feliz, agradável, ditoso, próspero. <i>“Marte aos filhos do Sol há de ser fausto,</i>
Filho Atroz do Touro	é o rei Kamsa. O Touro nesta narrativa é Kalayêni. <i>Levar ao crime o Filho Atroz do Touro,</i>
Fralda	vertente, orla, beira, sopé, falda. <i>Nas fraldas da montanha os matos zunem,</i>
Fruir	usufruir, desfrutar, gozar, deleitar. <i>E frui a Paz Eterna do Nirvâna ...</i>

Fuscas	<p>foscas, pardas, sem brilho, escuras, sombrias.</p> <p>- <i>“Conheço-a, e sei que destas terras fuscas</i></p>
Ganges	<p>Em sânscrito <i>gaṅgā</i> (veloz) denomina o rio Ganges (personificado e considerado como a irmã mais velha de Himavat e Menā). Rio sagrado da Índia, nasce nas cordilheiras do Himalaia e deságua no Oceano Índico.</p> <p><i>E Krishna foi. Ao Ganges foi sagrado,</i></p>
Garrido	<p>elegante, vistoso, alegre, vivo, berrante.</p> <p><i>Luzem as joias e o ouro no garrido exterior</i></p>
Gnomos	<p>seres lendários, representados como anões grotescos, que habitam o interior da terra e protegem seus tesouros.</p> <p><i>E gnomos, até as feras amansadas.</i></p>
Gôpis	<p>Em sânscrito <i>gopīs</i> são as pastoras, vaqueiras e leiteiras (especialmente de Vṛndāvana, companheiras dos desportos juvenis de Krishna, consideradas algumas vezes sagradas e celestiais). Nesta narrativa, destacam-se Nishdāli e Sarasvāti, filhas do velho Nanda, pai adotivo de Krishna.</p> <p><i>E as Gôpis caem à terra, desmaiando</i></p>
Grei	<p>grupo, conjunto, povo, sociedade.</p> <p><i>Por parte de Nisumba e sua grei.</i></p>
Harpia	<p>Em sentido figurado, pessoa ávida, avarenta e de má índole, capaz de extorquir as outras pessoas. Na mitologia grega designa o monstro com cabeça de mulher e corpo de abutre, com garras e asas.</p> <p><i>E a subtrai ao poder da astuta Harpia.</i></p>
Himavática	<p>Em sânscrito <i>himavat</i> designa algo frio, gelado, nevado. Refere-se também ao Himālaya e ao Monte Kailāsa.</p> <p><i>À região Himavática os envia:</i></p>
Hindu	<p>seguidor da religião dominante da Índia, o Hinduísmo. Entre os indianos, há também budistas, jainistas, muçulmanos, siques e cristãos.</p> <p><i>O que nos narra um crente Hindu sincero.</i></p>

Holocausto	sacrifício, expiação, imolação pelo fogo. <i>O teu terrestre corpo em holocausto;</i>
Imarcescível	que não murcha; incorruptível, inalterável. <i>A envolve em sua luz imarcescível.</i>
Jota	A letra j (jota) deriva do grego i (iota). É a menor letra do alfabeto grego, ao desenhar e, em sentido figurado, significa uma quantidade muito pequena, infinitesimal. <i>Um jota do profundo, santo Arcano.</i>
Jucundo	agradável, alegre, jovial, aprazível. <i>Dos dizeres do oráculo jucundo:</i>
Kalayêni	Em sânscrito <i>kālayavana</i> é o nome de um príncipe dos Yavanas e um tirânico Asura (demônio), inimigo de Krishna, destruído por ele por um estratagema. Veja o Rei do Sono. Em sânscrito, registra-se também o nome <i>kālanemi</i> . Nesta narrativa, Kalayêni é um mago negro, senhor das Serpentes, vinculado à deusa Kali. Alia-se ao rei despótico Kamsa, com o casamento de sua filha Nisumba. <i>Com Kalayêni, o rei da raça mista.</i>
Káli	Em sânscrito <i>kālī</i> designa uma deusa de grande complexidade na tradição. Uma das esposas de Shiva. Especificamente nesta narrativa, ela é apresentada como a deusa do desejo e da morte. <i>O sopro audaz de Káli, (a deusa avara)</i>
Kamsa	Em sânscrito <i>kaṃsa</i> . Rei da cidade de Mathurā. Filho de Ugrasena e primo de Devakī, mãe de Krishna. Ugrasena era irmão de Devaka, pai de Devakī. Kamsa é normalmente chamado de tio, mas de fato era primo de Krishna, e tornou-se seu implacável inimigo porque havia uma profecia que ele seria morto pelo filho de Devakī. O despótico Kaṃsa se alia com Kalayêni, o mago negro, Rei da raça mista, para ampliar seus domínios por toda a Índia (do Himalaya ao Sri Lanka), casando-se com Nisumba, sua filha. Nesta narrativa, Kamsa é o Rei “que nunca muda”. <i>Era o rei nesse tempo o duro Kamsa,</i>

Karma	Em sânscrito <i>karman</i> designa uma ação anterior que conduz a resultados inevitáveis, destino (como a consequência certa de atos da vida passada). <i>“Viestes prender-me? pois, se a Lei do Karma</i>
Krossha	medida de distância: légua, milha. Em sânscrito <i>krośa</i> . <i>Que, na distância duma krossha escassa,</i>
Kshátrias	Classe ou casta dos nobres, fidalgos e guerreiros. Ver <i>casta</i> . <i>Exclamaram então os Kshátrias nobres:</i>
Lanca	Em sânscrito <i>laṅkā</i> . Grande ilha ao sul da Península Índica, hoje é um país independente, o Sri Lanka. Conhecida, no período colonial, como Ceilão. Nos <i>Lusíadas</i> de Camões, é citada como Taprobana (Livro I, I, 4). <i>Do gigante Himalaia até à Lanca.</i>
Lestes /é/	lestos, ligeiros, velozes, ágeis. <i>A lutar com os Devas sempre lestes ...</i>
Lhana	franca, sincera, ingênua, amável, simples. <i>Da liberdade da alma boa e lhana</i>
Lho	lhe + o <i>Correndo à casa desta, lho anuncia,</i>
Liça	luta, briga, combate. <i>Tens medo, Krishna, desta dura liça?!”</i>
Lívica	pálido, branco, plúmbeo, cinzento, descorado, sem cor. <i>E fitando de Kamsa a face lívida,</i>
Lótus ou loto; lotos (plural)	designação comum a várias plantas aquáticas da família das ninfeáceas. Altamente simbólica na tradição, pois germina no lodo do fundo do lago e desabrocha na superfície sob o sol. Em sânscrito <i>padma</i> . <i>Alvos lótus, ninfeias amarelas</i> <i>Quando, de lotos ornadas e de rosas,</i>
Ma	me + a <i>- “Tu a conheces? Sabes quem ma esconde?”</i>

- Madura Em sânscrito *mathurā* é o nome de várias localidades (especialmente uma antiga vila agora chamada Muttra e tida em grande honra como o local de nascimento de Krishna; situada na província de Agra, na margem direita do rio Yamunā ou Jumna. Seu rei era Kamsa.  
*Mas inda é meu o reino de Madura*  
*E rica se ergue a célebre Madura.*
- Mahadeva Em sânscrito *mahādeva* significa grande deidade. Em alguns contextos, designa Śiva ou Viṣṇu. Nesta narrativa, trata-se do deus que fecundou Dévaki, gerando Krishna.  
*Com olhos seus contempla Mahadeva!*
- Mantra Em sânscrito *mantra* (instrumento do pensamento) significa texto sagrado, ritmado e recitado, prece ou canto oracional, um hino védico ou fórmula sacrificial, um verso místico, um encantamento. O principal mantra da tradição é *om̐*, assim representado: ॐ  
O equivalente latino é *carmen*, daí o termo em português charme; e em grego *ode* (mais exatamente *epaoidé*, *Odisseia*, 19, 457).  
*Sacros mantras o brâmane recita*
- Manu Em sânscrito *manu* designa o Homem por excelência ou o homem e pai representante da raça humana. No *Rig-veda* está associado a alguns Rishís, que são os sábios que receberam por inspiração os hinos. O termo Manu é especialmente aplicado a 14 progenitores míticos e soberanos sobre a terra, mantenedores deste mundo, em longos períodos de tempo.  
*Vós, filhos da família de Manu,*
- Marte Deus romano da guerra e da agricultura, equivalente ao grego Ares.  
*Haveremos de prendê-lo, sim, por Marte!*
- Maya Em sânscrito *māyā* designa uma das nove Śaktis ou energias de Viṣṇu. Significa a arte, sabedoria, poder sobrenatural e extraordinário.  
*Por Vishnú e por Maya protegido,*
- Significa também ilusão, irrealidade, decepção, fraude, engano, truque de mágica.  
*A renúncia aos encontros vãos de Maya:*

Meru	Montanha fabulosa, vista como o Olimpo da Mitologia Hindu. Seu cume é a morada do deus Brahmā, e é o local de encontro para os Devas e Rishís. <i>Pelo Monte Meru anda sem alvo ...</i>
Mesta	triste, aflita (notícia). <i>E comunica ao rei a nova mesta:</i>
Mo	me + o <i>Trazei-mo; não ouçais o que ele diz;</i>
Morfeu	Deus grego filho de Hypnos, o sono. Seu atributo são os sonhos. Descrito como alado e metamorfo. <i>Pela mão delicada de Morfeu</i>
Múni	um santo, sábio, buscador, asceta, monge, devoto, ermitão (especialmente aquele que fez voto de silêncio). <i>Subitamente um Múni centenário,</i>
Nado	nascido, nato. <i>Daquele que de Dévaki foi nado?</i>
Nanda	Nome do pai adotivo de Krishna. Pai de Saraswáti e Nishdáli, que se intitularam esposas de Krishna. É o patriarca e chefe de uma comunidade de anacoretas, junto ao Monte Meru, onde se abrigou Dévaki. <i>Ao chefe dessa tribo, o velho Nanda,</i>
Ninfeia /éi/	designação comum às ervas do gênero <i>Nymphaea</i> , da família das ninfeáceas, que reúne cerca de 50 espécies aquáticas, muito cultivadas como ornamentais; bandeja-d'água, nenúfar. <i>Alvos lótus, ninfeias amarelas</i>
Nirvâna	Em sânscrito <i>nirvāṇa</i> significa extinção absoluta ou aniquilação da existência individual ou de todos os desejos e paixões. Em sentido geral, o paraíso. <i>E frui a Paz Eterna do Nirvâna ...</i>
Nishdáli	Uma das filhas de Nanda. Uma das pastoras, gôpis. Descrita como triste e calma. <i>E Nishdáli a que vê ao dentro d'alma.</i>

- Nisumba Filha de Kalayêni e dada como esposa a Kamsa. Descrita como portadora de pingentes de ouro e seios de ébano, sedutora e passional, como a própria Káli. É chamada de filha da Serpe.  
*Sua filha, a Nisumba voluptuosa.*
- Nomeada prestígio, renome, fama.  
*Em casa de um fidalgo de nomeada,*
- Olimpo Montanha sagrada dos gregos, cujo cume abrigava o palácio de Zeus, soberano dos deuses. O equivalente na tradição indiana é o Monte Meru.  
*E tão suave, como o ar no céu do Olimpo.*
- Oráculo resposta dada pela divindade ao ser consultada, muitas vezes, misteriosa e enigmática.  
*Ao ouvir um oráculo que o irrita,*
- Pându. Em sânscrito *pāṇḍava* refere-se a um filho, um descendente ou um partidário de Pāṇḍu.  
No plural: Pândus = Os cinco renomados filhos de Pāṇḍu são Yudhiṣṭhira, Bhīma, Arjuna, Pandos = Nakula e Sahadeva.  
Pândavas Nesta narrativa, os pândavas são também chamados de Filhos do Sol. Veja Ários e Casta.  
*Aos inimigos meus, filhos de Pându.  
Como fora nos dias dos bons Pândus:  
Até que aos Pândus o êxito conforta,  
Este exclama: "Dos Pândos é a vitória".  
Dos Pândus inimigos declarados,  
Pelas forças dos Pândavas valentes,*
- Parca As parcas são, na mitologia romana, as filhas de Têmis (a Lei). Eram as divindades que controlavam o destino dos mortais e determinavam o curso da vida humana, de maneira que nem o soberano Zeus (ou Júpiter, entre os romanos) poderia contestar suas decisões. Representavam o Destino, eram as suas ministras e executavam suas ordens. Nomeadamente, eram: "Nona" (Cloto), "Décima" (Láquesis) e "Morta" (Átropos). Nona tece o fio da vida, Décima cuida de sua extensão e caminho, Morta corta o fio da vida. Na mitologia grega, são chamadas de moiras.  
*Amado dum favorável Parca.*

Pegureiros	guardadores de gado, pastores. <i>Os pegureiros pascem os seus gados.</i>
Plaga	região, país, zona, localidade. <i>De que família e nome? Qual a plaga Onde essa santa passa sua vida?"</i>
Populaça	populacho, ralé, plebe, povo. <i>Da populaça a inculta turba.</i>
Pr'a	para. <i>Ama-a Vishnú? então pr'a si a leve!"</i>
Preclara	ilustre, notável, famosa. <i>Receberam a irmã do rei preclara.</i>
Prima	o que ocupa a primeira posição. <i>É como um homem, mas aos Anjos prima!</i>
Purohita	sacerdote familiar, oficiante do fogo, capelão doméstico. Serviam, nas cortes, aos reis e nobres. <i>Pois nessa mesma noite o Purohita</i>
Rapace	que persegue com afinco; ávido. <i>Agitados por vis paixões rapaces,</i>
Rei do Sono	Muchukunda é o Rei do Sono. Desejando dormir absolutamente tranquilo, recebeu do deus Indra a dádiva : qualquer um que ousasse perturbar seu sono seria reduzido a cinzas imediatamente. Kalayavana (ou Kalayêni), confundindo-o com Krishna, chutou-o, perturbando-o, e assim foi reduzido a cinzas. <i>Sobre Krishna e o maldito Rei do Sono".</i>
Remonte	lugar afastado, longínquo. Altura, elevação. <i>À vista da alma livre, em seu remonte.</i>
Renovo	broto, rebento. Novo ramo de uma família ou dinastia. <i>Que da ordem fosse um sólido renovo,</i>

- Reptil (pl.: réptis)      reptil: grupo de animais, como cobras, lagartos, tartarugas. Existem as variantes: réptil, répteis.  
*A cabeça do rei dos teus reptis.*  
*Já agarrou o reptil pelo pescoço,*
- Rishí      Em sânscrito *ṛṣi* designa um cantor dos hinos sagrados, um poeta ou sábio inspirado.  
Eram vistos como patriarcas ou santos, ocupando na história da Índia o lugar de heróis, e constituindo uma classe de seres, distinta dos deuses, dos homens e dos Asuras (demônios).  
Eram os autores inspirados a quem os hinos védicos foram revelados.  
*“Não zombes, Rishí,” - oh! rei, eu sério falo;*
- Samsára      Em sânscrito *saṃsāra* significa curso, via, passagem através da sucessão de estados, circuito da existência mundana, transmigração, metempsicose, mundo, vida secular, a ilusão do mundo.  
*Da gente que ao Samsára renuncia.*
- Sarasvāti      Em sânscrito *sarasvatī*. Nesta narrativa, é uma das filhas de Nanda e discípula de Krishna. Descrita como jovial. Irmã de Nishdáli.  
*É Sarasvāti a que entre risos anda,*
- Senda      via, estrada, passagem, caminho. Rota, direção, rumo, sentido de busca espiritual.  
*A marcha pela senda da cultura.*  
*E sobre a Senda clara luz projetada”.*
- Serpe      serpente. Nesta narrativa, é descrita de cor azul, sendo decepada por Krishna. A filha da serpente é Nisumba, filha de Kalayêni.  
*Quando a filha da Serpe e Mau Agouro*  
*Com o monstro da serpe mais temível,*
- Shiva      Em sânscrito *śiva* designa um complexo deus da tradição. Nos tempos védicos, em meio a uma pluralidade de divindades, ele é identificado com Rudrá, um deus das tempestades, acompanhado dos Maruts (os ventos). Em época posterior, estabeleceu-se uma tríade (Hindū Trimūrti), constituída por Brahmā ‘o criador’, Viṣṇu ‘o mantenedor’ e Shiva ‘o renovador, destruidor’. É o deus dos animais e introdutor do Yoga. Um de suas esposas é Káli.

Praticamente desapareceu o culto a Brahmā, sendo a Índia dividida em dois grandes grupos: shivaítas (cultores de Shiva) e vaishnavas (cultores de Vishnu).

*Há de morrer! eu juro. Ouça-me Shiva!”*

*Além dos templos dois de Káli e Shiva,*

Soma bebida sagrada dos tempos védicos, expansora da consciência. É também uma divindade.

*Os Deuses ao tomarem o doce Soma*

Sufrágio processo de escolha, voto, eleição.

*“Então, que diz dos Devas o sufrágio?”*

Sumaya Em sânscrito *sumāya* designa a que tem excelentes conselhos ou planos; muito sábia.

*Dévaki agora chama-se Sumaya,*

Troço /ô/ Parte de uma tropa militar.

*Um troço de soldados é mandado*

U'a uma.

*Em cujo centro se encontrava u'a ermida.*

Val = vale

*Que toda precaução nada lhe val.*

Vasishta Em sânscrito *vasiṣṭha* é o nome de um celebrado Rishí védico, típico representante da casta sacerdotal. Nesta narrativa ele é um sábio iluminado, rei dos anacoretas.

*É Vasishta, o estimado rei e guia*

Vaticínio predição, adivinhação, profecia.

*Começar a cumprir o vaticínio*

Vera verdadeira.

*Da liberdade vera Krishna prega,*

Vedas Escritura sagrada da Índia. Em sânscrito *veda* significa saber revelado. Os *Vedas* são um hinário, composto de quatro coleções: *Rig-Veda* (sabedoria das estrofes

recitadas); *Sama-Veda* (sabedoria das estrofes cantadas); *Yajur-Veda* (sabedoria das fórmulas ritualísticas) e *Atharva-Veda* (sabedoria das fórmulas terapêuticas). Acredita-se que os hinos foram criados pelas divindades e transmitidos aos Rishís, sábios da classe bramânica. Os brâmanes são então os mantenedores desta tradição. Há vários metros poéticos usados no hinário. Em muitos casos, são articulados em duas partes, como dísticos (conjunto de dois versos).

*Dos Vedas meditando os santos dísticos.*

Víndia Em sânscrito *vindhya* é o nome de um conjunto de montes que separam as regiões do Hindūstān do Dekhan. Nesta narrativa, é a morada de Kalayêni.  
*Do seu sogro, senhor dos montes Víndia,*

Virente verdejante, viçoso.  
*Estende-se um virente vale fresco.*

Vishnú Em sânscrito *viṣṇu* é uma divindade da tríade hindu (Hindū Trimūrti), constituída por Brahmā ‘o criador’, Viṣṇu ‘o mantenedor’ e Shiva ‘o renovador, destruidor’. Sempre se associa ao amor. Nesta narrativa, Vishnú reencarna como Krishna.  
*Vishnú clemente, ouvindo a bela prece:*

Yavana Em sânscrito *yavana* designa um Jônio, Grego (ou o rei dos Gregos). Nesta narrativa, ele está identificado com Kalayêni.  
*Insiste o moço. Então o rei Yavana,*

Zimbório céu, cúpula, abóbada celeste.  
*A alvorada no infinito azul zimbório*

## ÍNDICE DAS ILUSTRAÇÕES E SUAS FONTES

Dévaki, a mãe de Krishna

<https://commons.wikimedia.org/w/index.php?search=devaki&title=Special%3AMediaSearch&type=image>

Vishnu

<https://commons.wikimedia.org/w/index.php?search=vishnu&title=Special%3AMediaSearch&type=image>

Vasishta e Kāmadhenu

Thanjavur, final do séc. 19, início do 20.

<https://hinduaesthetic.medium.com/sage-vasi%E1%B9%A3%E1%B9%ADha-and-k%C4%81madhenu-d95dc5243ff2>

Krishna e a serpente Kaliya

Calcutá, ca. 1895

<https://www.theheritagelab.in/5-krishna-art-stories-museums/>

Krishna entre as Gôpis

Folio do Gita Govinda (Canção do Cowherd)

India, ca. 1775–80

<https://www.metmuseum.org/pt/art/collection/search/765654>

Krishna e Arjuna

Circa 1820

[https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Arjuna\\_and\\_His\\_Charioteer\\_Krishna\\_Confront\\_Karna.jpg](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Arjuna_and_His_Charioteer_Krishna_Confront_Karna.jpg)

O jovem Krishna

<https://commons.wikimedia.org/w/index.php?search=krishna+young&title=Special%3AMediaSearch&type=image>

Krishna, Radha e as Gôpis encontram um jovem príncipe

1995.75 - Harvard Art

<https://commons.wikimedia.org/w/index.php?search=krishna+young&title=Special%3AMediaSearch&type=image>

## **ANEXOS**

## KRISHNA. A ÍNDIA E A INICIAÇÃO BRAMÂNICA (FRAGMENTO)<sup>2</sup>

Édouard Schuré

Eis aqui então a base étnica da Índia bem definida: de um lado, o gênio da raça branca com seu senso moral e suas sublimes aspirações metapsíquicas; de outro, o gênio da raça negra com suas energias passionais e sua força demolidora. Como esse duplo gênio se traduz na antiga história religiosa da Índia? As mais antigas tradições falam de uma dinastia solar e de uma dinastia lunar. Os reis da dinastia solar acreditavam descender do sol; os outros se diziam filhos da lua. Mas essa linguagem simbólica escondia duas concepções religiosas opostas, e significava que essas duas categorias de soberanos se ligavam a dois cultos diferentes. O culto solar dava ao Deus do universo o sexo masculino. Em torno dele se agrupava tudo o que havia de mais puro na tradição védica: a ciência do fogo sagrado e da prece, a noção esotérica do Deus supremo, o respeito da mulher, o culto dos ancestrais, a realeza eletiva e patriarcal. O culto lunar atribuía à divindade o sexo feminino, sob tal signo as religiões do ciclo ariano sempre adoraram a natureza, e frequentemente a natureza cega, inconsciente, nas suas manifestações violentas e terríveis. Esse culto pendia à idolatria e à magia negra, favorecia a poligamia e a tirania apoiada nas paixões populares. - A luta entre os filhos do sol e os filhos da lua, entre os Pândavas e os Kurus, forma o tema mesmo da grande epopeia hindu, o Mahabharata, espécie de resumo em perspectiva da história da Índia ariana, anterior à constituição definitiva do bramanismo. Essa luta é abundante de combates furiosos, de aventuras no exterior e intermináveis. No meio da gigantesca epopeia, os Kurus, os reis lunares, são vencedores. Os Pândavas, os nobres descendentes do sol, os guardiões dos ritos puros, são destronados e banidos. Eles vagam exilados, escondidos nas florestas, refugiados junto aos anacoretas, vestidos de cascas de árvores, com cajados de eremitas.

Os instintos de baixo vão triunfar? As potências das trevas representadas na epopeia hindu pelos Rakshasas negros vão se impor sobre os Devas luminosos? A tirania destruirá a elite sob seu carro de guerra, e o ciclone das más paixões despedaçará o altar védico, extinguirá o fogo sagrado dos ancestrais? Não, a Índia está somente no início de sua evolução religiosa. Ela vai desenvolver seu gênio metapsíquico e organizador na instituição do bramanismo. Os sacerdotes que serviam aos reis e aos chefes sob o nome de *purohitas* (prepostos ao sacrifício do fogo) eram já seus conselheiros e seus ministros. Tinham grandes riquezas e uma influência considerável. Mas não puderam dar à sua casta esta autoridade soberana, esta posição inatacável, acima do próprio poder real, sem a contribuição de uma outra classe de homens que personifica o espírito da Índia, naquilo que há de mais original e de mais profundo. Esses são os anacoretas.

---

<sup>2</sup> **Les Grands Initiés.** Esquisse de L' Histoire Secrète des Religions. Édouard Schuré. Paris: Librairie Académique Didier, 1889. O texto aqui apresentado é a nossa tradução das páginas 50-54.

Desde um tempo imemorial, esses ascetas habitavam os eremitérios, no fundo das florestas, à margem dos rios ou nas montanhas, juntos aos lagos sagrados. Encontravam-se tanto solitários, quanto reunidos em confrarias, mas sempre unidos em um mesmo espírito. Reconhecia-se neles os reis espirituais, os mestres verdadeiros da Índia. Herdeiros dos antigos sábios, dos *rishís*, somente eles possuíam a interpretação secreta dos Vedas. Neles vivia o gênio do ascetismo, da ciência oculta, dos poderes transcendentais. Para conseguir essa ciência e esse poder, eles enfrentavam tudo, a fome, o frio, o sol ardente, o horror das selvas. Sem defesa, em suas cabanas de madeira, viviam de prece e meditação. Com a voz e com o olhar, eles chamavam e repeliam as serpentes, acalmavam os leões e tigres. Feliz quem obtinha sua bênção: este terá os Devas como amigos! Desgraça a quem os maltrata ou os mata: sua maldição, dizem os poetas, perseguem o culpado até sua terceira encarnação. Os reis tremem diante de suas ameaças, e, coisa curiosa, esses ascetas causam medo mesmo aos deuses. No *Ramayana*, Vishvamitra, um rei tornado asceta, adquire um tal poder por suas austeridades e suas meditações, que os deuses tremem pela existência deles. Então Indra lhe envia a mais encantadora das Apsaras que se banham no lago, diante da cabana do santo. O anacoreta foi seduzido pela ninfa celeste; um herói nasceu de sua união, e por alguns milhares de anos a existência do universo está garantida. Sob essas exagerações poéticas, adivinha-se o poder real e superior dos anacoretas da raça branca, que, de uma divinação profunda, de uma vontade intensa, governam a alma tumultuada da Índia do fundo de suas florestas.

É do seio da confraria dos anacoretas que deveria sair a revolução sacerdotal que fez da Índia a mais formidável das teocracias. A vitória do poder espiritual sobre o poder temporal, do anacoreta sobre o rei, de onde nasceu a potência do bramismo, advindo por um reformador de primeira ordem. Reconciliando os dois gênios em luta, este da raça branca e o da raça negra, os cultos solares e os cultos lunares, este homem divino foi o verdadeiro criador da religião nacional da Índia. Em outros termos, por sua doutrina, este potente gênio jogou no mundo uma ideia nova, de imenso significado: este do verbo divino ou da divindade encarnada e manifestada pelo homem. Esse primeiro dos messias, este primogênito dos filhos de Deus, foi Krishna.



Krishna, Radha e as Gôpis encontram um jovem príncipe.

## A LENDA DE KRISHNA<sup>3</sup>

Michaud d'Humiac

No ano 3.000 antes de nossa era, no começo da idade do Kali-Yuga, havia na Índia Oriental uma cidade poderosa e incomparavelmente bela. Era a maravilhosa Madura, com dez palácios, com doze pagodes e com cem portas de ouro flanqueadas de torres, onde reinava o rei Kamsa, príncipe de alma turva e ambiciosa, que era dominado por uma das suas mulheres. Nisumba exercia sobre ele um império absoluto, não só pela sua beleza - sombria e fremente de desejos, semelhante à beleza da noite - mas ainda mais pela fascinação dos seus sortilégios mágicos. Ela era, de fato, a filha do rei Kalayêni, um rei mágico, que adorava Kali, a Deusa do Desejo e da Morte, e que obtinha misteriosos poderes, por meio de práticas tenebrosas. Nisumba aprendera com seu pai o segredo dos seus encantos e malefícios. E Kamsa tremia diante dela, agitado pelo medo e pela lubricidade.

Ora, em uma noite em que, não podendo dormir, ele passeava agitadamente no terraço do seu palácio, presa de estranhos pressentimentos, viu, de súbito, uma estrela cadente, que descia do céu de Indra sobre a terra.

E pareceu-lhe que essa estrela trazia o segredo do seu destino.

Muito comovido, dirigiu-se a Nisumba e comunicou-lhe a sua angústia. Contudo, a feiticeira não pôde dar uma interpretação satisfatória acerca da queda da estrela.

Então, Kamsa mandou chamar o brâmane, ordenando-lhe que observasse os astros e lhe dissesse a verdade.

E o brâmane respondeu assim:

- “Ó Rei, todos os povos estão hoje entregues ao culto do Mal. A ambição, a sede de ouro, a devassidão, que representam o sopro envenenado de Kali, a Deusa do Desejo e da Morte, contaminaram todas as almas. No entanto, uma oração misteriosa subiu da terra ao céu. Essa oração foi ouvida e a estrela que tu viste cair é o espírito de Vishnu, que veio encarnar-se no seio de Dévaki, a filha de tua irmã Palvady. Assim, nascerá dela aquele que deve punir-te pelos teus crimes e regenerar a Humanidade.”

Cego de cólera, o Rei cresceu para o brâmane.

Mas este, sem baixar os olhos, nem recuar um passo acrescentou:

- “Ordenaste-me que dissesse a verdade. Disse-a. E tu não poderás impedir que ela se realize.”

---

<sup>3</sup> **Les Grandes légendes de l'humanité.** Bibliothèque littéraire de vulgarisation scientifique. Les livres d'or de la science. Section littéraire. Petite encyclopédie populaire illustrée des sciences, des lettres et des arts, n° 13. Léon Michaud d'Humiac (1865-1913). Paris : Schleicher frères, 1899. **As Grandes Lendas da Humanidade.** Tradução do Tenente Moraes Rosa. Biblioteca de Educação Moderna. Volume VII. Lisboa: Livraria Internacional, s.d. Está registrada, no exemplar que temos, a data de 1914, à mão. O texto aqui apresentado foi por nós atualizado na grafia do português. Essa lenda se aproxima à narrativa do poema.

Ao mesmo tempo, de um maciço de árvores, próximo do palácio, a sombria ave dedicada a Varuna fez ouvir os seus plangentes queixumes.

Era um outro presságio ameaçador.

Kamsa estremeceu novamente, mas o receio redobrou-lhe o furor.

- “Pois bem! - gritou ele para o brâmane - Tu não existirás para verificar a tua predicação e nem todos os poderes dos Devas conseguirão subtrair-te à morte.”

Os guardas apoderaram-se de Muni.

Kamsa voltou-se para Nisumba, como que para lhe pedir a sua aprovação.

- “Escuta!” - disse ela - “Não basta que o brâmane pereça. Uma outra, ainda, deve morrer”.

- “Quem?” - perguntou o Rei, com a fronte coberta de suor e os membros trêmulos, porque compreendera já o secreto desejo de Nisumba.

- “Aquela que deve dar à luz o teu inimigo.”

- “Quem? ... Dévaki? A filha de minha irmã?”

- “Que ela reine em meu lugar ou que morra!” - gritou Nisumba - “Eis o preço do meu amor.”

Um clarão feroz brilhou no seu olhar dominador, e o seu rosto de ébano, purpureado pelo sangue furioso, semelhava-se ao fumo de um incêndio atravessado por chamas vermelhas.

Kamsa baixou a cabeça.

- “Ela morrerá” - respondeu o rei com voz sombria.

\*

\* \*

Meiga e linda como se fosse a flor de lótus, Dévaki era uma virgem de coração simples e puro. Misteriosamente advertida por Vishnu, sua mãe dera-lhe o nome que em sânscrito quer dizer *formada por Deus*.

A infância da virgem passara-se a fiar e a tecer. Nunca aproximara dos lábios qualquer alimento animal: sustentava-se, apenas, de vegetais.

Na mesma noite em que Kamsa se revoltou contra a revelação do seu destino, “à hora em que os elefantes sagrados dos pagodes batem nos *gongos* sonoros o sinal que divide ao meio a noite”, a donzela teve um sonho delicioso.

Parecera-lhe que, levantando-se da cama, se dirigia às margens do lago sagrado de Meduva, para ali fazer as abluções prescritas.

Ora, depois de se ter mergulhado doze vezes no lago, pronunciando as palavras de purificação, seguidas de uma invocação a Vishnu, quando se preparava para voltar a casa, sentiu estremeecerem-lhe os flancos e viu-se rodeada por uma nuvem luminosa.

E do seu flanco virginal escapou-lhe uma gota de sangue.

- “Logo da terra, onde essa gota caiu, brotou uma haste de vinha cujos ramos potentes cobriram em um instante o mundo inteiro. Todos os povos, maravilhados, vieram sentar-se à sua sombra. E o mal, o ódio, a cólera, o trabalho e a dor tinham desaparecido da terra. E os homens sustentavam-se dos frutos deliciosos dessa árvore gigantesca. Então, uma voz se fez ouvir no espaço, em meio de um ruído sobrenatural, que parecia vir do mar. E essa voz gritava nos quatro ângulos do mundo, do oriente ao ocidente, do norte ao sul: “Paz aos homens que provaram o alimento celeste! Todas as suas faltas lhes serão perdoadas, todas as suas máculas serão purificadas. E eles gozarão a beatitude na imortalidade.”

Quando Dévaki despertou do seu sonho, sentiu-se agarrada pelos guardas do rei Kamsa, que a levaram para uma torre cuja porta emparedaram para tornar a fuga impossível.

Mas, na noite seguinte, qual não foi o terror dos guardas que velavam junto da Torre, ao verem os muros espessos da fortaleza entreabrirem-se, despedaçados por uma coluna de fogo! Através dessa brecha, a virgem Dévaki saiu da sua prisão e alcançou os muros da cidade, sem que os soldados, cujos membros estavam paralisados por uma força misteriosa, tivessem podido fazer um gesto para a deter.

Assim guiada pela coluna luminosa, a virgem caminhou durante longo tempo.

Por fim, chegou a uma floresta imensa, habitada pelos Anacoretas. Um deles parecia esperá-la à beira de um lago onde bebiam gazelas. Fê-la entrar em uma barca, e, por entre ninfas azuis, conduziu-a à margem oposta, perante o rei dos Anacoretas, Vasishta.

Era este um velho de longos cabelos e abundantes barbas de uma alvura deslumbrante. Os jejuns tinham-lhe tornado a pele transparente. A meditação, o êxtase e a oração tinha enchido o seu olhar de uma claridade celeste que parecia refletir visões longínquas. Tudo nele era venerando, pois tinha uma aparência menos humana que divina.

- “Glória a ti, Dévaki! - disse o velho - Sê bem vinda entre os Santos Rishís, tu que foste escolhida para a obra da libertação, por conservares a tua bondade de coração entre os ambiciosos e os ferozes ... É no teu seio que vai encarnar-se o raio do esplendor divino, o fluido puro emanado da grande alma universal. Em ti ele tomará uma forma humana e a Vida desafiará a Morte ... Que tremam os Yakshas, os Rakshasas e os Nagas, porque se aproxima o dia em que deve nascer aquele que porá fim ao seu reinado sobre a terra! Ele virá, coroado de luz. E as águas do Ganges estremecerão, das nascentes até a foz ... Ele virá. E os céus e os mundos rejubilarão. E as estrelas hão de empalidecer perante o seu esplendor. E o sol achará os seus raios muito fracos para o iluminar. E a terra será pequena para a extensão dos seus olhares, muito pequena para os conter ... Porque ele é o Infinito, é o Poder, é a Sabedoria, é a Beleza, porque ele é tudo e em tudo existe ... Ele virá. E todos os seres animados, todas as flores, todas as árvores, os homens, as mulheres, as crianças, os escravos, os animais entoarão o cântico da alegria, porque ele é o Senhor de tudo o que existe e de todas as criaturas. Ele virá, mais doce que o mel, mais puro que o cordeiro sem mácula, e de que a boca de uma virgem ... E todos os corações serão transportados de amor ... ”

Depois, Vasishta confiou Dévaki aos penitentes que habitavam um eremitério vizinho, a fim de que ela fosse iniciada nas práticas piedosas.

A virgem viveu alguns meses entre eles. Quando acabava de orar, passeava, só, pela floresta, enchendo-se do seu mistério, escutando as vozes que pareciam falar-lhe, e sentia, pouco a pouco, penetrar em si a grande alma da Natureza.

... Havia nessa floresta uma árvore colossal, a que os *Rishís* chamavam a *árvore da vida*. Dévaki gostava de se sentar à sua sombra, onde sentia êxtases maravilhosos.

Um dia, julgou ouvir estremecer nas folhagens harpas invisíveis. Ao mesmo tempo, o céu rasgou-se, em frente de si, e, do fundo dos abismos de luz, viu surgir, radiante de glória, Mahadeva, o sol dos sóis, que revestira uma forma humana e que inclinando-se para ela a penetrou com um raio de vida. A virgem sentiu que todo o seu ser estremecia. Concebera o Filho Divino.

Nessa noite, Vasishta e todos os Anacoretas vieram inclinar-se perante ela:

- “Virgem e mãe, nós te saudamos - disse Vasishta. - Tu és a mãe de todos nós, pois que de ti vai nascer aquele que deve regenerar-nos a todos. Tu lhe chamarás *Krishna* - o Sagrado - mas não lhe revelarás nem a sua origem, nem a tua, que ele deve ignorar. Assim a vontade dos Devas será satisfeita ... Contudo, um grande perigo te ameaça. O rei de Madura, teu irmão, procura-te, resolvido a fazer-te perecer. É preciso que deixes esta floresta, que já não oferece um abrigo seguro. Estão aqui aqueles que eu designei para te acompanharem até ao lugar onde vivem os pastores do monte Meru. É lá que debes dar à luz aquele que os teus flancos conceberam no amor divino.”

\*

\* \*

Depois de muitas fadigas, Dévaki chegou a um ridente vale, no sopé do monte Meru.

Ali vivia uma população de sacerdotes, dirigidos pelo patriarca Nanda. Foi ele quem recebeu a virgem-mãe errante. Foi na sua residência que nasceu o divino Krishna, ao qual logo todos chamaram o *Radiante*, porque bastava a sua presença para produzir o bem-estar e a alegria. De fato, emanava dele um encanto irresistível e misterioso. Não só os pegureiros e os pastores e as crianças e os velhos acorriam para o contemplar: as próprias feras vinham rolar-se-lhe aos pés, prestando-se docilmente aos seus brinquedos. Parecia que a Natureza inteira acolhia a sua vinda como sendo um sinal de felicidade.

Dévaki educou piedosamente seu filho, aplicando-se a formar-lhe uma alma heroica e santa. Depois, um dia, sentindo que a sua missão findara, desapareceu, sem pesar, com uma resignação sublime, para ir morrer em uma região desconhecida.

Mas Krishna ficou inconsolável com a desapareção de sua mãe.

Perguntava por ela a todos os ecos, porque tinha uma grande adoração por essa mulher, tão bela, tão meiga, tão terna, que tantas coisas sublimes lhe ensinara.

Um dia, apareceu-lhe o rei dos Anacoretas, Vasishta, que podia manifestar o seu corpo a distância.

E a visão disse-lhe:

- “Tua mãe partiu para uma longa viagem. Foi para junto daquele que não morre nunca. É esse que tu precisas de encontrar para que a encontres.

- E como poderia encontrá-lo?

- Procura, procura sempre ... Hás de encontrá-lo. Krishna tinha quinze anos e já era robusto e hábil em manejar o arco e a espada. E era também valente e destemido.

Arrastou consigo os filhos dos pastores e atravessou as florestas inacessíveis. Lutou com os monstros, matou uma serpente temível que o rei mágico Kalayêni suscitara contra ele, libertou os povos oprimidos pelos tiranos, praticou inúmeros feitos e atingiu assim as margens do Ganges, sem ter encontrado aquela que procurava.

Então, entregou-se às orações, purificou-se no rio sagrado, deixou a sua alma comungar longo tempo na luz do sol, com a alma de Mahadeva, o Espírito Universal.

Ali sonhou sonhos maravilhosos. Ali as águas rítmicas do rio, que corre em catarata da Cabeleira de Brahma, lhe ensinaram a música sagrada.

E quando voltou ao seu país natal, os pastores do monte Meru rodearam-no para festejar o seu regresso. Krishna contou-lhes os êxtases que o tinham deslumbrado e as melodias divinas que ouvira. E todos ficaram maravilhados.

Numa noite de outono, embalsamada pelo hálito dos jasmíns, Krishna estava sentado debaixo de uma grande cedro, através de cujos ramos a lua filtrava a sua luz doce, que é como que o reflexo da face de Brahma. E no recolhimento da noite, o seu pensamento voava, penetrava por entre os deslumbramentos do Infinito, e a sua voz erguia-se, pura e deliciosa, para cantar as maravilhas entrevistas. Irresistivelmente encantadas por essa música, as Gôpis, que são as filhas e as mulheres dos pastores, saíram das suas habitações, escondendo-se umas das outras ... E estavam perturbadas, que se afoitaram até junto dele. Krishna, quando deu por elas, disse-lhes:

- “Voltai para casa. Não convém às mulheres ficar aqui. Mães, pais, filhos, irmãos, esposos procuram-vos: não lhes causeis inquietações. Vistes a floresta em flores, iluminada pelos raios da lua cheia e embelezada pelos novos rebentos das árvores, que estremecem às carícias das brisas do Yamuna. Voltai para casa sem tardança ... As crianças choram: ide dar-lhes de beber, ide contentá-las ... Foi por afeição a mim que viestes aqui: tudo isso me dá felicidade ... Mas o dever supremo das mulheres é obedecer a seus maridos, preparar os alimentos de seus pais e de seus filhos. É exaltando-me, pensando em mim, celebrando o meu nome, que deveis testemunhar o vosso afeto.”

Mas as mulheres caíram em uma tristeza profunda ... “e as lágrimas, tintas do colírio dos seus olhos, caíram-lhes sobre os seios avivados de açafreão”. Finalmente, enxugando as pálpebras, responderam:

- “Não! Deixa-nos escutar-te ainda, porque o teu canto delicia-nos. Deixa-nos ficar junto a ti, porque te amamos. Falas do dever das mulheres? Para quem cumpri-lo, senão para contigo, que é o fim de todos os preceitos e o soberano Senhor? Sim, tu que és o bem-amado, o pai, a alma dos seres ... Sê-nos propício ... Não iludas à esperança que em ti pusemos, Deus dos olhos de lótus! ... Foi por tua causa que se tornaram belos os sentimentos do lar e agradáveis os trabalhos domésticos. Extingue, no lago da ambrosia dos teus lábios, o fogo de amor que em nós acenderam os teus olhos sorridentes e os teus acordes harmoniosos! ... Ó pérola dos homens, consente que sejamos tuas escravas. Pousa tua mão, semelhante ao lótus, sobre os nossos seios ardentes e sobre as nossas cabeças ... sobre as cabeças das tuas servas ...”

Então, Krishna sorriu e disse-lhes:

- “Ficai, pois, junto de mim e sentai-vos sobre a relva. Interrogai-me e eu vos ensinarei o que minha mãe me ensinou durante a minha infância e o que tenho visto nos meus sonhos.”

Uma delas perguntou:

- “Ó divino pastor: há homens que amam quando são amados; outros, mesmo quando o não são; outros, ainda, não amam nunca, quer sejam ou não amados! Digna-te explicar-nos porquê.”

E Krishna respondeu:

- Os que amam por serem amados, só têm em vista o seu próprio interesse: não há, nesse caso, nem afeição, nem dever. É o egoísmo puro. Quando o amor não é retribuído, como sucede com tantos seres compassivos e com os pais, é o dever perfeito e a dedicação pura ... Alguns não amam aqueles que os amam, e, menos ainda, aqueles que os não amam. São os que encontram a felicidade em si próprios ou cujos desejos estão satisfeitos: os ingratos ... Quanto a mim, minhas amigas, se não amo todos os seres que me têm amor, é para que eles se entreguem à devoção ...”

Assim prosseguiu a conversação de Krishna com as *Gôpis*. E, ao romper da aurora, elas regressaram, pesarosas, a suas casas, perturbadas e com o coração cheio de afeto por ele.

Por diversas vezes se repetiram esses ensinamentos, porque as filhas e as mulheres dos pastores se sentiam cada vez mais sequiosas das palavras divinas. Então, durante essas noites perfumadas, o filho de Dévaki ensinou às mulheres a arte de cantar e de figurar pelas suas danças as ações sublimes dos heróis ou as ilusões de Maya, a Feiticeira. E enquanto umas faziam vibrar comovidas as cordas das *vinas* ou batiam nos címbalos ruidosos, outras agitavam com gestos rítmicos as suas vestes, que mostravam, por vezes, o açafração dos seios, Krishna evocava a amorosa alma da Natureza. E a Inspiração sagrada caía dos astros em uma luz sobrenatural, que exaltava e divinizava os coros melodiosos das bailadeiras entrelaçadas ...

... Uma noite, contudo, as *Gôpis* não viram Krishna em meio dos cedros, no seu lugar habitual. Loucas de dor, percorreram todo o vale, procurando e chamando o Bem-amado.

... O divino Pastor, o cantor inspirado, tomara o caminho da montanha, onde devia conservar-se isolado, durante sete anos, meditando e orando, a fim de se penetrar melhor ainda na luz de Mahadeva, o Sol dos Sóis.

\*  
\*   \*

Krishna estava ainda no monte Meru, esforçando-se por purificar inteiramente a sua natureza terrestre, para melhor se penetrar da revelação divina, quando viu aparecer a maior parte dos Anacoretas, entre os quais sua mãe se refugiara na floresta sagrada, antes de o deitar ao mundo.

- “Ensina-nos a verdade, sê para o futuro o nosso mestre - disseram eles - porque o santo velho Vasishta, nosso pai, acaba de ser morto por mão criminosa.

Essa mão criminosa era a do feroz e covarde Kamsa.

Depois da predição do brâmane e da fuga de Dévaki, não cessara de tremer, escondido no seu palácio. Mais tarde, advertido do nascimento de Krishna, ordenara em todos os seus Estados, o morticínio das crianças do sexo masculino, nascidas na noite em que Krishna viera ao mundo. De fato, os soldados correram à população dos pastores, sobre a qual reinava o patriarca Nanda, a fim de cumprirem a bárbara ordem, mas, apenas eles apareceram, essa criança, que tinha dias apenas, cresceu subitamente, transformando-se em um robusto rapaz de dez anos, que começou brincando com as ovelhas e com as cabras. Os assassinos, enviados por Kamsa, passaram junto dele, sem suspeitarem de que era aquele o que a cólera do seu Rei queria atingir.

Então, desesperando de alcançar a criança a quem os Devas protegiam, o rei de Madura voltou o seu furor contra os Anacoretas que tinham dado abrigo a Dévaki. Um exército violou os retiros sagrados dos piedosos *Rishís*, e muitos sucumbiram sob as flechas dos perseguidores. Vasishta foi o primeiro ferido. Ao morrer, recomendou aos seus irmãos que se dirigissem até junto de Krishna, que era o eleito de Deus e que seria o salvador do mundo.

Krishna, que se sentia então em plena posse da doutrina divina, adquirida nas meditações e nas austeridades, aceitou ser o sucessor do santo velho, para iniciar as almas na verdade pura.

E quando desceu com eles do monte Meru, levou-os consigo pelas aldeias e cidades das margens do Yamuna e do Ganges.

Seduzido pela sua palavra acariciante, novos discípulos vieram agrupar-se em redor dele. Um dos primeiros que pediu para o seguir, deixando tudo para se ligar a ele, foi Arjuna, um descendente desses reis solares que tinham sido destronados pelos reis lunares então reinantes.

Também o acompanhavam mulheres, entre as quais duas filhas do patriarca Nanda, Sarasvati e Nishdáli, que tinham jurado não mais o abandonar.

Os discípulos entravam nas mais miseráveis cabanas ou paravam à noite nos arredores das aldeias, e logo se juntava grande multidão em redor deles, para ouvir o ensinamento divino.

Krishna falava da imortalidade da alma e das suas emigrações sucessivas depois da morte, segundo os seus méritos. Pregava o amor do próximo, a caridade, a dignidade de si próprio e a prática do bem pelo bem. Curava os doentes, consolava os fracos, alimentava os desgraçados e os oprimidos com a esperança de uma justiça mais alta. Condenava a vingança e determinava que se pagasse o mal com o bem.

E todos estavam maravilhados, quando ele falava, como se ouvissem a revelação divina.

No entanto, Kamsa, dentro do seu suntuoso palácio de Madura, tremia sempre, por saber que Krishna vivia.

Sabendo que ele andava pregando nas margens do Ganges, enviou contra ele um tão numeroso exército, que os discípulos do profeta aconselharam-no a fugir.

Mas Krishna censurou-lhes os receios e reconfortou-os.

- Por que esse medo insensato? - disse ele. - Ignorais, então, quem é aquele com que estais?

E, de súbito, despojando-se da sua aparência mortal, surgiu resplandecente, revelando toda a sua majestade divina, brilhando com uma luz pura e inefável.

Deslumbrados e confundidos, os discípulos prosternaram-se com a face contra a terra:

- Mestre, perdoa-nos a nossa fraqueza.

- Sabei - acrescentou Krishna - que, presente ou distante, estarei sempre em meio de vós para vos proteger.

... Quando os soldados apareceram, não lhe ofereceu resistência alguma, e deixou-os aproximar até junto dele, dizendo-lhes:

- “Sei que vindes para me fazer prisioneiro. Conduzi-me, pois, até junto do vosso rei, mas, primeiramente, deixai-me falar-vos de um outro rei, que é mais poderoso do que ele, porque é o rei do céu.”

E, de fato, começou a falar da bondade e do esplendor de Mahadeva. E os soldados de Kamsa, perturbados por aquelas revelações, esqueceram-se do fim para que tinham ido.

Quando Krishna acabou de falar, os soldados deitaram fora as armas:

- Não! - exclamaram - Nós não te conduziremos cativo. Ficaremos junto de ti para te defender.

Ao saber esta notícia, o rei de Madura deixou-se dominar por um terror indizível.

- A predição era verdadeira - murmurou ele então. - Nada posso contra o filho de Dévaki.

- Mas, não tens um ardil? - insinuou a turva Nisumba.

E aconselhou o rei a atrair o profeta a uma emboscada, dando em Madura uma festa solene em honra de Shiva.

De fato, Krishna veio a Madura. Seguido pelos seus discípulos, pelos anacoretas e pelas suas mulheres, entrou sob uma chuva de flores, por entre as aclamações da multidão prosternada, na cidade toda engalanada com estandartes multicores. E os próprios Brâmanes lhe faziam cortejo.

Assim chegou até ao anfiteatro, onde o rei o esperava. Mas, mesmo às portas do edifício, o pérfido Kamsa postara um enorme e terrível elefante, que os soldados deviam lançar contra o Profeta.

Krishna parecia avançar sem desconfiança. Contudo, presentira os desígnios do rei. Ao primeiro ataque do elefante, surgiu o herói que realizara durante a juventude inúmeras proezas. Apenas houve um instante de pânico ente a multidão. Os gritos de alarme transformaram-se, subitamente, em aclamações de triunfo. Krishna matara o monstro que o devia esmagar.

Então, enquanto o povo prosseguia nas suas aclamações entusiásticas e nas suas imprecações contra o covarde Kamsa, Arjuna, de espada em punho, precipita-se na tribuna real e degola o tirano.

Ia novamente reinar a dinastia dos reis solares.

\*

\* \*

De fato, Krishna fez eleger o seu discípulo rei de Madura, submetendo-o, contudo, à autoridade dos brâmanes. Para si, apenas quis o título de chefe dos anacoretas, instituídos em conselho superior dos brâmanes. Desejando colocá-los ao abrigo das perseguições, fez construir para eles, à beira-mar, uma cidade mais bela ainda do que Madura - “cidade em torno da qual se erguiam altas muralhas, onde havia portas amarelas de cor semelhante às nuvens que a luz doura, cidade que fazia lembrar, com os seus grandes lagos de água límpida e com os seus deliciosos jardins, uma mulher de olhos belos, caprichosamente ornamentada de joias magníficas ...” Essa cidade foi chamada Duvarka.

Dentro em pouco o próprio Arjuna foi obrigado a refugiar-se nessa cidadela, porque os reis do culto lunar se tinham coligado para reconquistar o trono. A luta foi longa e encarniçada, mas terminou a favor de Arjuna, cujo mestre divino continuava a velar por ele.

Então Krishna compreendeu que a sua missão estava terminada. Ensinara por toda a parte a verdade e fizera triunfar a causa da justiça. Podia, pois, morrer.

... Um dia, estando em oração em um bosque de cedros, perto de Duvarka, viu caminhar para ele um bando de soldados inimigos, comandados por Angada. Contudo, não interrompeu a sua santa meditação. Aproveitando a sua imobilidade, Angada ordenou aos soldados que se lançassem sobre ele e que o amarrassem ao tronco de um cedro. Depois, pegando em um arco e em flechas, atirou ele próprio sobre Krishna. Atingido por três vezes, o mártir gritou simplesmente, erguendo os olhos para o céu:

- Minha mãe! ... Mahadeva!

E entregou o espírito.

Mas, nesse instante, levantou-se um vento furioso, derrubando os cedros que esmagaram os soldados na sua queda. E o sol escondeu-se subitamente por detrás das montanhas.

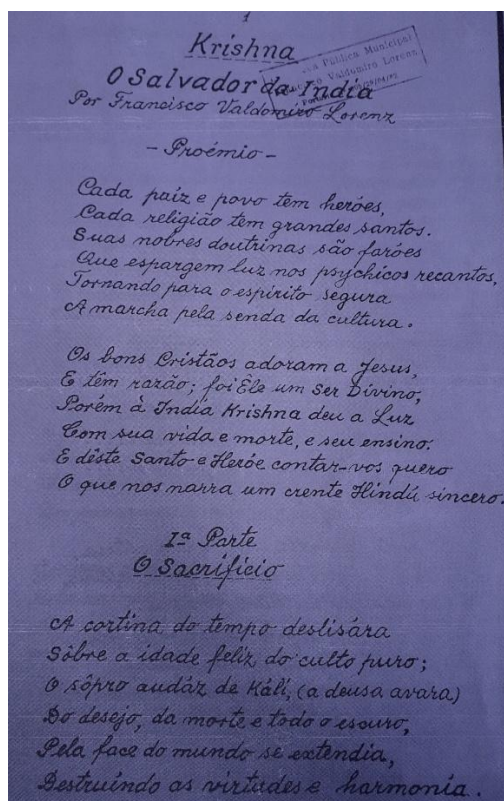
Angada conservava-se em frente do cadáver de Krishna, gelado de horror, com os olhos desvairados, a ponto de parecerem querer-lhe saltar fora das órbitas. Julgou ouvir uma voz que lhe gritava:

- “Tu expiarás o teu crime pela vida eterna. Até o fim do mundo, tu errarás pelas margens do Ganges, não tendo outro alimento senão os cadáveres que disputarás aos chacais e aos animais imundos.

O corpo de Krishna foi recolhido pelos seus discípulos e queimado na cidade de Duvarka. Muitos daqueles que o tinham seguido em vida, quiseram segui-lo também na morte. Sarasvati e Nishdáli, que tinham jurado nunca o abandonar, lançaram-se na fogueira com outras mulheres.

E por sobre a fumaçada do incêndio, a multidão viu, de súbito, pairar brancas visões luminosas.

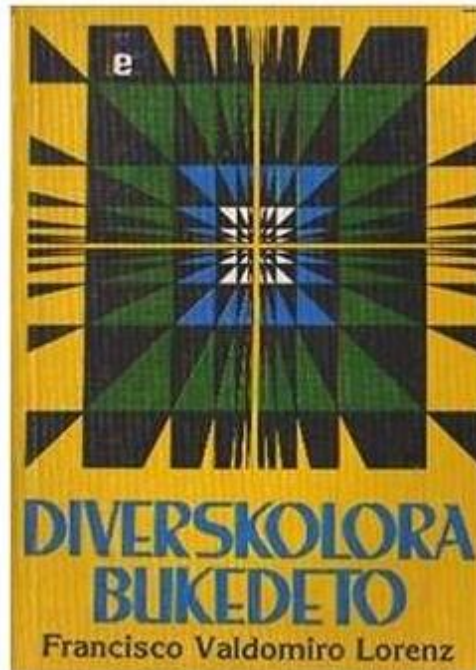
Era o corpo radioso do filho de Mahadeva que ia unir-se ao Sol dos Sóis, arrastando consigo os seus discípulos bem-amados e as suas místicas esposas.



Uma página do manuscrito de Lorenz, depositado em Dom Feliciano

## CRONOLOGIA DO POETA FRANCISCO VALDOMIRO LORENZ

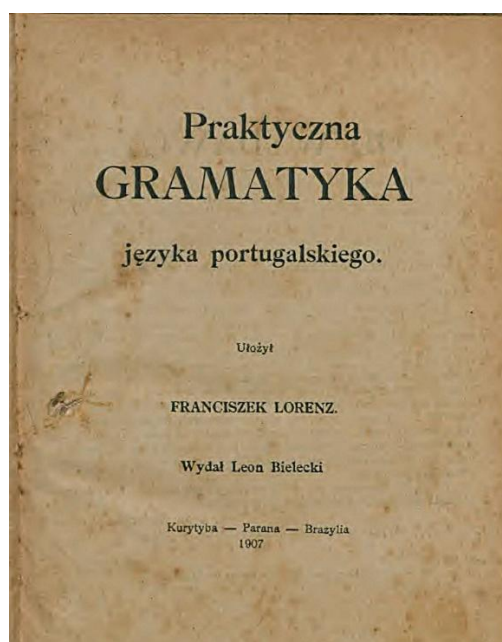
- 24/12/1872 Nascimento de František Vladimír Lorenc, em Zbislav, na Boêmia, Áustria (hoje República Tcheca).
- 1890 Publicação do primeiro manual de Esperanto para Tchechos: *Úplná učebnice mezinárodní řeči dra. Esperanta. Plena Lernolibro de la lingvo internacia de dro. Esperanto*. Aprovação nos exames ginasiais. Segundo sua própria declaração, dominava todas as línguas eslavas, latim, grego, alemão, chinês e hebraico (Novinski, p. 16).
- 1893-1894 Emigração ao Brasil, com passaporte falso, fugindo do regime austríaco autoritário. Instala-se em Porto Alegre (RS).



Coleção de poemas traduzidos de 40 línguas (antigas e modernas, ocidentais e orientais) ao Esperanto, 1941.

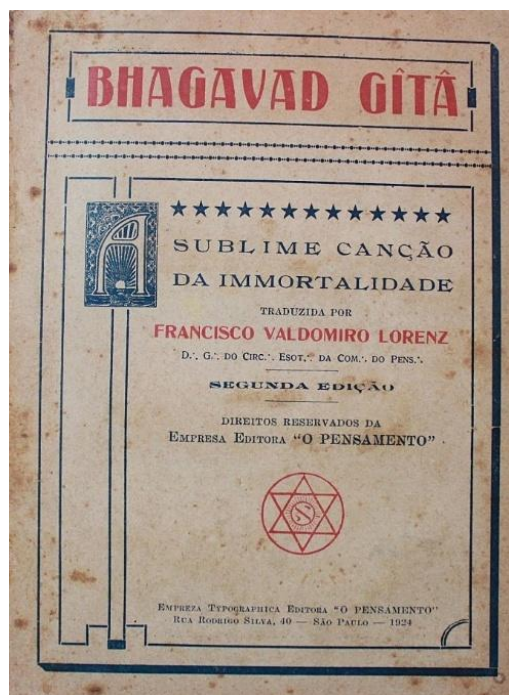
- 08/07/1894 Mudança para a Colônia São Feliciano, interior do estado, tornando-se agricultor, localidade hoje chamada Dom Feliciano.
- 1896 Instalação de uma escola “não oficial”, em uma propriedade particular, ministrando aulas pela manhã e trabalhando na lavoura pela tarde.
- 1902 Mudança para a sede da Colônia, instalando-se em uma residência própria, construída em regime de mutirão. Sua escola funcionava em um salão ao lado da casa.

- 09/05/1903 Oficialização da escola, tornando-se pública, e designação de Lorenz como seu responsável interino.
- 28/06/1906 Após sua aprovação em concurso público, nomeação de Lorenz como professor efetivo do Estado.
- 1907-1910 Elaboração e publicação de uma gramática de português para poloneses, *Gramatyka Języka portugalskiego*, e de um dicionário polonês-português, *Słownik Polsko-Portugalski*, para ajudar na comunicação dos imigrantes poloneses.



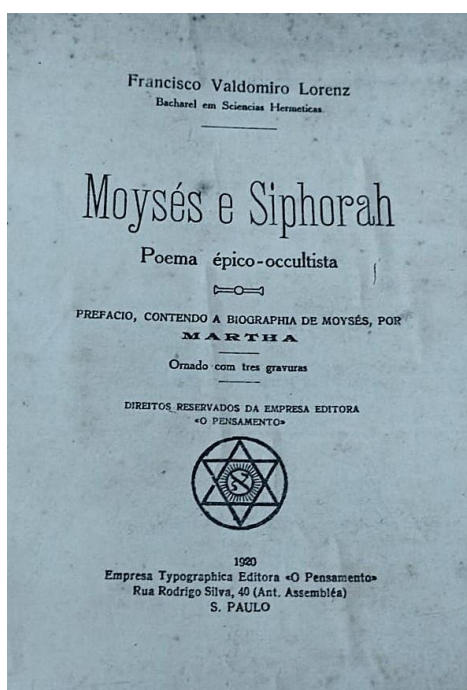
Gramática do português em língua polonesa, 1907.

- 1910 Encontro com Antônio Olívio Rodrigues, criador da editora “O Pensamento” (1907). Lorenz será colaborador da editora por toda a sua vida. Filiação ao Círculo Esotérico da Comunhão do Pensamento.
- 1912 Tradução do *Bhagavad Gita*, publicado em 1913, pela editora “O Pensamento”. Publicação da primeira obra original em língua portuguesa sobre Cabala, pela mesma editora: *Noções Elementares de Cabala. A tradição esotérica do Ocidente*. Ambas ainda estão em catálogo.
- Responsável pela parte astrológica do *Almanaque do Pensamento*, um anuário científico, astrológico, filosófico e literário, criado neste mesmo ano, até 1964, embora tenha falecido em 1957. Autorização oficial para clinicar, sendo ele mesmo o farmacêutico de fitoterápicos e medicamentos homeopáticos (Novinski, p. 26).



Publicação da tradução do Bhagavad Gita, 1913.

- 1910-1920 Tradução e publicação, pela editora “O Pensamento”, de inúmeras obras do Yogue Ramacháraca, sendo estas as primeiras obras sobre o Yoga introduzidas no Brasil.
- 1918 Criação de uma espécie de vacina, para o enfrentamento da Gripe Espanhola, tendo havido sucesso com centenas de curas (Novinski, p. 26).



Poema original de Lorenz sobre a vida de Moisés e sua esposa Zípora, 1920.

Fevereiro/1929 Aprovação com distinção nos exames públicos, para efetivar-se como Diretor do Grupo Escolar, sendo nomeado no ano de 1930. No episódio do exame, em Porto Alegre, a respeito de seu conhecimento linguístico, Lorenz declarou aos examinadores: “entendo e escrevo em cinquenta e duas [línguas]. Entretanto, devo confessar que estou empenhado em aperfeiçoar-me na pronúncia das que eram faladas pelos Maias, Astecas e Ameríndios”. Foi “testado” no domínio de várias, inclusive do japonês (Novinski, p. 31).



Tradução de Lorenz do romance ocultista de Edward B. Lytton.



Inspirado no original, Lorenz escreveu sua continuação.

07/01/1943

Aposentadoria como Professor, aos 70 anos de idade.



Prof. Lorenz com seus filhos, em 1947.

24/05/1957

Falecimento, aos 84 anos de idade, em Porto Alegre. Em vida, publicou 31 livros, em vários gêneros: ensaios, contos, romances, poesias, dicionários, gramáticas, obras médicas, etc., além de inúmeras traduções principalmente do inglês, para a editora “O Pensamento”. Publicou também muitos artigos em revistas e no Almanaque “O Pensamento”. Deixou muitos manuscritos, alguns publicados e outros ainda não.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARISTÓTELES. **Retórica**. Tradução e notas de Manuel Alexandre Júnior, Paulo Farmhouse Alberto e Abel do Nascimento Pena. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

BERTHOUD, Ella & ELDERKIN, Susan. **Farmácia Literária**: mais de 400 livros para curar males diversos, de depressão e dor de cabeça a coração partido. Campinas: Verus, 2016.

CALDIN, Clarice Fortkamp. **LEITURA E TERAPIA**. Doutorado em Literatura, Curso de Pós-Graduação em Literatura, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.

DAMÁSIO, António. **Em Busca de Espinosa: prazer e dor na ciência dos sentimentos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

DARWIN, Charles. **A expressão das emoções no homem e nos animais**. São Paulo: Cia das Letras, 2009.

EIBL-EIBESFELDT, Irenaus. **Amor e Ódio**. Lisboa: Bertrand, 1977.

GONSALVES, Elisa Pereira. **Educação e Emoções**. Campinas: Alínea, 2015.

GONSALVES, Elisa Pereira. **O universo das emoções: uma introdução**. João Pessoa: Libellus Editorial, 2017.

KONDER, Leandro. **Sobre o Amor**. São Paulo: Boitempo, 2007

LORENZ, Francisco Valdomiro. **Krishna. O salvador da Índia**. Poema épico espiritualista oriental. Manuscrito da Biblioteca Municipal de Dom Feliciano, registro n. 2917, localização 090 L869k, s.d.

MARCHAND, Peter. **The Yoga of the Nine Emotions**. The tantric practice of Rasa Sadhana. Rochester: Destiny, 2006.

NOVINSKI, Luciana. **Francisco Valdomiro Lorenz**. Um homem além do seu tempo. Porto Alegre: Odisseia, 2020.

POSSEBON, Fabricio; POSSEBON, Elisa Gonsalves. **Ensaio sobre espiritualidade, emoções e saúde**. João Pessoa: Libellus, 2017.

POSSEBON, Fabricio; POSSEBON, Elisa Gonsalves. **Vivência Emocional**. Teoria e Prática da Educação Emocional. João Pessoa: Libellus, 2024.

POSSEBON, Fabricio. **FRANCISCO V. LORENZ: NOSSO PRIMEIRO YOGUE?** In Revista Conceitos, n. 29, ano XXVIII, outubro de 2024. João Pessoa: ADUF, p. 94-105.

## **SOBRE OS AUTORES**

**ELISA GONSALVES POSSEBON** é Professora Titular do Centro de Educação da Universidade Federal da Paraíba, onde integra o Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões. Doutora em Educação pela Universidade Metodista de Piracicaba (2000). Possui Licenciatura em Pedagogia (1989), Especialização em Pesquisa Educacional (1991) e Mestrado em Educação (1996) pela Universidade Federal da Paraíba. É facilitadora Didata de Biodanza e especialista em Educação Biocêntrica pela *International Biocentric Foundation*. Coordenou o Grupo de Trabalho “Educação Popular” da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Educação-ANPEd e foi diretora da Associação Nacional de Administração da Educação-ANPAE-seção São Paulo. É pesquisadora do Núcleo de Educação Emocional do Centro de Educação da UFPB e do Grupo de Pesquisa Educação Emocional UFPB/CNPq. É autora de vários livros: “Educação e a Curva Pedagógica” (2014), “Conversas sobre Iniciação à Pesquisa Científica” (2012), “Educação e Emoções” (2014), dentre outros. Atualmente coordena o projeto Vivência Emocional na Interface com as Mídias Digitais.

**FABRICIO POSSEBON** é Professor Titular da Universidade Federal da Paraíba, Departamento de Ciências das Religiões, Centro de Educação (atualmente aposentado). É graduado em Letras: Grego Clássico e Português pela Universidade de São Paulo (1999), em Engenharia Civil pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas (1985), mestre em Letras Clássicas pela Universidade de São Paulo (2000) e doutor em Letras pela Universidade Federal da Paraíba (2007). Possui especialização em Dependência Química pela Faculdade Dom Alberto, Santa Cruz do Sul, RS; especialização em Naturopatia pelo Centro Universitário - UNIESP-PB; e especialização em Psicologia Transpessoal pela Faculdade Unyleya. Colabora com o Núcleo de Educação Emocional (NEEMOC-CE-UFPB). Trabalhou também no Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões, na linha de pesquisa "Espiritualidade e Saúde". Tem 41 artigos acadêmicos e 38 livros (como autor ou coautor) publicados e orientou 48 alunos de mestrado e doutorado. É naturopata e facilitador de Biodanza. Desenvolve o projeto “Experiência Emocional na Interface com a Mídia Digital”. Possui formação complementar em yogaterapia (66 horas), aromaterapia (24 horas), florais de Bach (20 horas), fitoterapia (300 horas), reflexologia (16 horas), introdução ao yoga do som (20 horas), terapia Marma (40 horas), dança criativa (58 horas), constelação familiar sistêmica (120 horas), Reiki (24 horas), entre outras.

Currículo completo em <http://lattes.cnpq.br/2781959905615456>

Email: [fabriciopossebon@gmail.com](mailto:fabriciopossebon@gmail.com)

WhatsApp: +55839981084421



Os autores em Vrindavan, localidade onde Krishna passou sua infância, Índia, 2023

## CADERNOS DE EDUCAÇÃO EMOCIONAL

Objetivam “divulgar a produção científica desenvolvida pelo NEEMOC, proporcionando maior intercâmbio entre a Universidade e a sociedade” (Res. Nº 24/2017, CONSEPE).

### **CENTRO DE EDUCAÇÃO**

Diretora

Adriana Valéria Santos Diniz

Vice-Diretor

Valter Ferreira Rodrigues

### **NÚCLEO DE EDUCAÇÃO EMOCIONAL**

Coordenadora

Marilene Salgueiro

Vice-Coordenadora

Taísa Caldas

### **Equipe editorial**

Marilene Salgueiro

Taísa Dantas

Elisa Gonalves

Fabricio Possebon

Maria Lucia Abaurre Gnerre

### **Secretaria editorial**

Maria Emanuela Lima

Dedjany de Mendonça Delgado

